MEMÓRIAS DA COOPERATIVA RENASCER: ENTRE LADAIAS E AUTOGESTÃO

MARIA DE LOURDES BORGES
DAIANA SCHWENGBER
KELLEN CRISTINE PASQUALETO
MICHELE FERREIRA DOS SANTOS
FABIANA BOF BASSAN
JULIANA CORRÊA PACHECO
SIMONE ROSA DE MOURA

Editora Unilasalle

Universidade La Salle

Reitor: *Paulo Fossatti*

Vice-Reitor: *Cledes Antonio Casagrande*

Pró-Reitor Acadêmico: *Cledes Antonio Casagrande*

Pró-Reitor de Administração: *Vitor Augusto Costa Benites*

Conselho da Editora Unilasalle

Cledes Antonio Casagrande, Cristiele Magalhães Ribeiro,
Jonas Rodrigues Saraiva, Lúcia Regina Lucas da Rosa,
Patrícia Kayser Vargas Mangan, Rute Henrique da Silva Ferreira,
Tamára Cecília Karawejczyk Telles, Ricardo Figueiredo Neujahr

Comissão Editorial da Obra

Professor Doutor Robinson Henrique Scholz (Instituto Federal de São Paulo (IFSP))

Professor Doutor Moisés Waismann (Universidade La Salle (UNILASALLE))

Professora Doutora Sueli Maria Cabral (Universidade Feevale)

Professora Doutora Eliana Perez Gonçalves De Moura (Universidade Feevale)

Agradecimentos

Rita de Cassia da Rosa Sampaio

André Gross

Editoração e diagramação: *Editora Unilasalle*

Imagem da Capa: *Cloveis Eduardo Aguiar da Silva, autorizada pelas cooperadas*

Editor: *Ricardo Figueiredo Neujahr*

Revisão final: *Maria de Lourdes Borges*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memórias da Cooperativa Renascer [recurso eletrônico] : entre ladaias e autogestão / Maria de Lourdes Borges, Daiana Schwengber, Kellen Cristine Pasqualeto, organizadoras. Dados eletrônicos. – Canoas, RS : Ed. Unilasalle, 2022.

ISBN 978-65-5441-023-6

Livro eletrônico.
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: <http://www.editora.unilasalle.edu.br>.

1. Economia. 2. Cooperativismo. 3. Cooperativa Renascer – História – Memória. 4. Reciclagem. 5. Economia solidária. 6. Projetos sociais. I. Borges, Maria de Lourdes. II. Schwengber, Daiana. III. Pasqualeto, Kellen Cristine.

CDU: 334.73

Bibliotecário responsável: Samarone Guedes Silveira - CRB 10/1418

Editora Unilasalle

Av. Victor Barreto, 2288 | Canoas, RS | 92.010-000

http://editora.unilasalle.edu.br

Editora filiada a

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Maria de Lourdes Borges

Daiana Schwengber

Kellen Cristine Pasqualeto

Organizadoras

Memórias da Cooperativa Renascer: Entre Ladaias e Autogestão

Universidade La Salle – Editora Unilasalle

Canoas, 2022.

AUTORAS

Maria de Lourdes Borges

Daiana Schwengber

Kellen Cristine Pasqualeto

Michele Ferreira dos Santos

Fabiana Bof Bassan

Juliana Corrêa Pacheco

Simone Rosa de Moura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO 1 - A COOPERATIVA RENASCER: UMA COOPERATIVA QUE RENASCE DAS CINZAS 10

1.1 A trajetória da Cooperativa Renascer 10

1.2 Re-nascer: simbolismos e luta 14

CAPÍTULO 2 - REUNIÕES E LADAIAS 20

CAPÍTULO 3 - ALGUMAS HISTÓRIAS DE VIDA DE COOPERADAS DA RENASCER 27

3.1 Memórias da Michele 27

3.2 Memórias da Jéssica 30

3.3 Memórias da D. Sônia 31

3.4 Memórias de Elisa 33

3.5 Memórias da Daniela 34

3.6 Memórias da Débora 35

3.7 Memórias da Milourde Versailles 36

CAPÍTULO 4 - PROJETOS, CONQUISTAS E ARTICULAÇÕES POLÍTICAS DA RENASCER 37

4.1 O Fórum dos Recicladores do Vale dos Sinos (FRVS) 38

4.2 Projeto Compartilha, parceria com a Igreja Luterana 40

4.3 Fundação Luterana de Diaconia e o Projeto Mulher Catadora é Mulher que Luta 40

4.4 Coleta seletiva solidária em Canoas 41

4.5 Incubação e Cataforte: a parceria com a Universidade La Salle 42

4.6 Participação no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) 44

4.7 O Caminho das Águas 46

4.8 Parceria entre IFRS/POA e FRVS 46

4.9 Retomada com a Incubadora de Empreendimentos Solidários 49

4.10 A voz das Catadoras 51

CAPÍTULO 5 - PRECONCEITO E ESTIGMA NA RECICLAGEM 53

CAPÍTULO 6 - CARTAS ABERTAS 57

6.1 Carta aberta de uma catadora 57

6.2 Carta aberta das autoras do livro 58

MINI CURRÍCULO DAS AUTORAS 60

REFERÊNCIAS 62

INTRODUÇÃO

A Cooperativa Renascer está situada no Bairro Guajuviras, na cidade de Canoas/RS. A Renascer é uma cooperativa de reciclagem de resíduos sólidos pós-consumo e, desde 2010, faz parte da Coleta Seletiva do município. A característica da Renascer é de ser um local de acolhimento e recebe com carinho todos que ali chegam, seja em busca de trabalho, seja para dar apoio, fazer pesquisas e outras situações.

O objetivo deste livro é o de investigar memórias na Cooperativa Renascer de Canoas/RS, que em meio aos resíduos, sua fonte de renda e de sustento, construiu recordações recheadas de desafios e vitórias. A escrita deste livro foi inspirada dentro da cooperativa, por e para as suas cooperadas, com a meta de descrever sua trajetória de uma maneira compreensível e leve, saindo dos termos técnicos para fins de popularização da ciência. Foi de fato uma costura de saberes, uma verdadeira trama de conversar, servindo-se de conceitos teóricos, mas repleto de saberes populares, sentimentos, memórias e afetos.

Um sorriso no rosto de cada cooperada[1] da Cooperativa Renascer é sua marca registrada. Quando eram realizadas visitas à Cooperativa Renascer dentro do projeto de Pesquisa Etnometodologia,[2] implementado pela Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários Unilasalle (2018-2019) com fomento do CNPq, muitas vezes se ouvia o desejo do grupo dos cooperados e cooperadas de terem um livro com a história da sua cooperativa. A cooperada Michele se envolveu com o desenvolvimento do projeto desde o início, por isso é também coautora deste livro. Assim, ao operacionalizar as oficinas e realizar entrevistas para as produções do projeto, utilizamos uma metodologia qualitativa de pesquisa[3] e também aplicamos a técnica de entrevista semiestruturada.[4] Salientamos que todas as entrevistas foram realizadas e gravadas com a autorização de cada entrevistada e que depois elas foram transcritas integralmente. Para compor os capítulos utilizamos a transcrição de partes de diferentes entrevistas.[5]

Desde o início do processo de construção e de escrita do livro procuramos discorrer e dar voz às memórias da/sobre a Cooperativa Renascer e de suas cooperadas, pois a ideia era de que ele pudesse alcançar a todas. Não objetivamos, portanto, colocar em pauta aqui a escrita acadêmica, ainda que o método científico também componha essas narrativas. Nosso principal alvo é a popularização da ciência e da tecnologia, usando esse recurso com um potente instrumento e compreendendo que é possível que todas as pessoas tenham acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos.[6]

1 Neste livro utilizamos preferencialmente, mas não totalmente, a denominação de cooperadas no feminino pelos seguintes motivos: a maioria das pessoas registradas na cooperativa são mulheres ou identificam-se com elas (como as pessoas que se identificam como pertencentes à comunidade LGBTQIA+) e além de terem poucos homens trabalhando na cooperativa, eram elas que demonstravam maior interesse, muitas vezes, na participação nas oficinas e projetos.

2 O projeto Etnometodologia na Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária no Campo da Reciclagem, com fomento externo do CNPq, foi aplicado pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle (2018-2019), sob a liderança da primeira autora e participação da maioria das demais autoras.

3 A metodologia qualitativa possibilita o estudo aprofundado das relações e do contexto social permitindo uma aproximação com o campo (FLICK, 2018). Tal metodologia busca compreender os fenômenos humanos a partir de sua realidade e perspectivas (MARCONI; LAKATOS, 2010).

4 A técnica de entrevistas semiestruturadas é adequada para estudos que buscam entrevistar seus participantes por meio de conversas apoiadas em um roteiro de perguntas abertas que permitem momentos de troca, aprofundamento de questões importantes e a possibilidade de um diálogo mais informal (FLICK, 2018).

5 As entrevistas foram realizadas dentro do projeto da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários Unilasalle e também coletados por alunos/as André Gross do Mestrado e Rita de Cássia da Rosa Sampaio do Doutorado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

6 Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Disponível em: <http://www.mctic.gov.br>.

Essa obra destina-se a todos aqueles que trabalham com projetos sociais e a quem se interessa pelos temas da reciclagem, gestão ambiental e redes de cooperativas, independentemente de sua titulação acadêmica, bem como aos trabalhadores da reciclagem, de cooperativas em geral, profissionais da educação, pesquisadores, dentre outros.

No primeiro capítulo a Cooperativa Renascer é apresentada aos leitores/as e descrita em sua estrutura geográfica e física, e também pela construção de sua identidade que começa pela força do seu nome como um valor: um verdadeiro renascimento.

O capítulo 2 foi escrito a partir da motivação deste livro: "as ladaias". Durante a realização de uma oficina dentro do projeto da Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle em 2018, surgiu o desejo do grupo de que fosse escrito um livro da Cooperativa Renascer. Ao ser questionado sobre quais capítulos o livro deveria conter, o primeiro ponto lembrado foi em relação às ladaias. Em todos os encontros, a temática das ladaias aparecia como se esse aspecto fizesse até mesmo parte da identidade do grupo. Para o grupo de cooperadas da Renascer, ladaias se referem a temas gerados a partir de discussões ou mesmo de conflitos e fofocas que precisavam de esclarecimentos e que eram tratados em reuniões.

O capítulo 3 apresenta as memórias de sete cooperadas, suas histórias de vida, seus desafios e conquistas. São sete mulheres que contam suas histórias e como a Cooperativa Renascer as ajudou no processo de crescimento e luta. A partir da apresentação de suas histórias de vida, desejamos que elas sirvam para que as cooperadas reconheçam o seu valor, se orgulhem de suas trajetórias e conquistem novos olhares de autoestima e potência.

Durante o capítulo 4 são apresentadas as diversas conquistas, projetos e articulações de uma cooperativa que fez alianças profundas com instituições, universidades, mas, principalmente, com pessoas, no intuito de melhorar a qualidade de vida de suas cooperadas, suas perspectivas de mundo e ampliar a busca pela valorização do seu trabalho. Este capítulo apresenta a rede de apoio e de construção coletiva poderosa que fortaleceu o trabalho destas catadoras. Salientamos, indiretamente, a importância das políticas públicas voltadas à economia solidária e à reciclagem.

No capítulo 5 foram analisados os aspectos do preconceito, da invisibilidade e do estigma, que fazem parte do cotidiano dos catadores e, como não poderia ser diferente, das cooperadas da Renascer, bem como os impactos dessas questões em seu trabalho e em suas vidas. Neste capítulo, também, emerge o preconceito relacionado à pandemia de COVID-19, ponto que coloca em pauta a importância de ações de cuidado e de segurança. Deste ponto, emerge o estigma embasado no fato de que elas poderiam estar em contato com material contaminado e, assim, tornarem-se potenciais transmissoras do vírus.

Além da construção dos capítulos, uma das autoras, a catadora da Renascer Michele Ferreira dos Santos, compartilha uma carta aberta aos leitores e leitoras, relatando sua chegada no grupo, apresentando suas percepções iniciais e como sua atividade na triagem de resíduos sólidos transformou sua maneira de trabalhar, que passou a ser mais coletiva e solidária. Além disso, ela fala sobre a sua trajetória de vida e do orgulho que carrega pela profissão que escolheu. Nós também compartilhamos no formato de carta aberta, o quanto estudar, trabalhar e acompanhar a Renascer foi importante e que estes momentos acrescentaram diversas aprendizagens de vida para nossas memórias e escolhas. Por isso, com sensibilidade tentamos construir uma narrativa, um livro, trazendo a fala de cada participante a sua visão de forma mais original possível.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer as incontáveis pessoas que direta ou indiretamente

ajudaram para que este livro fosse possível. Agradecemos a cedência de três histórias de vida realizadas pelo André Gross durante o ano de 2015 para sua dissertação de mestrado e a cedência de várias entrevistas realizadas pela Rita de Cassia da Rosa Sampaio realizadas para sua tese de doutorado em 2018 e 2019, ambos na Universidade La Salle no PPG Memória Social e Bens Culturais. Agradecemos também à Editora La Salle e ao Tecnosocial Unilasalle pelo apoio para a realização deste livro. Agradecemos também ao CNPq pelo fomento ao projeto Etnometodologia,[7] pois foi durante uma das oficinas deste projeto que a ideia deste livro nasceu e também à Fapergs[8].

7 O projeto Etnometodologia na Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária no Campo da Reciclagem, com fomento externo do CNPq foi implementado pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle (2018-2019) sob a coordenação da primeira autora deste livro e cooperação das demais coautoras.

8 O projeto Memórias da incubação: práticas desenvolvidas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Unilasalle teve fomento da Fapergs e foi implementado pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle (2018-2021) sob a coordenação da primeira autora.

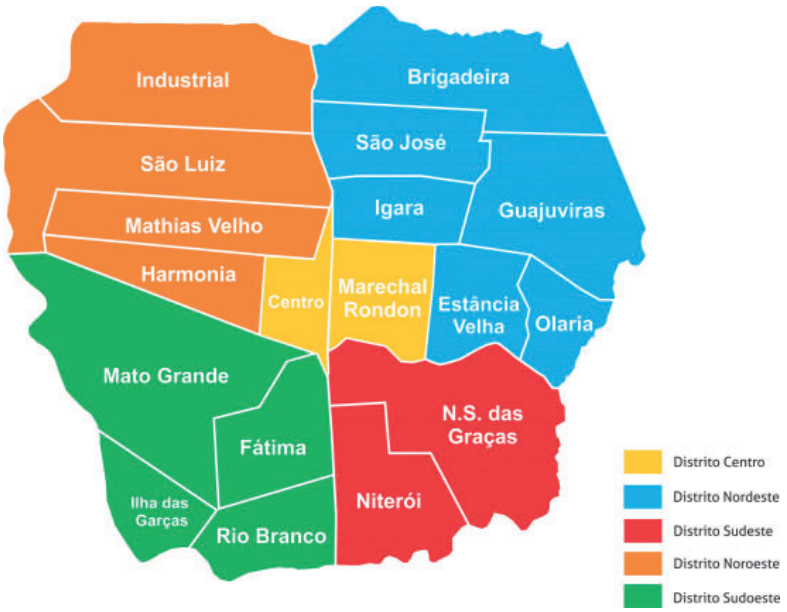
CAPÍTULO 1 - A COOPERATIVA RENASCER: UMA COOPERATIVA QUE RENASCE DAS CINZAS

O objetivo deste capítulo é o de apresentar a história da Cooperativa Renascer. Inicialmente será apresentada uma descrição mais formal e, em seguida, mais detalhes serão especificados na seção "Trajetória da Renascer", a qual conterá depoimentos de cooperadas e cooperados conforme as experiências que foram sendo vivenciadas por elas na cooperativa.

1.1 A trajetória da Cooperativa Renascer

A Cooperativa de Reciclagem Renascer está localizada na Estrada do Nazário, nº 3033, no Bairro Guajuviras, em Canoas/RS. Canoas é a terceira cidade mais populosa do Rio Grande do Sul, com 323.827 habitantes (IBGE, 2010), localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre e fundada em 1939. A economia do município teve expansão principalmente pela instalação da Base Militar Aérea e pela Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP). O município é formado pelos bairros (Figura 1): Industrial, São Luís, Mathias Velho, Harmonia, Centro, Marechal Rondon, Fátima, Mato Grande, Ilha das Garças, Rio Branco, Niterói, Nossa Senhora das Graças, Estância Velha, Olaria, Igara, São José, Brigadeira e Guajuviras (CANOAS, 2010).

Figura 1 - Bairros de Canoas, RS.

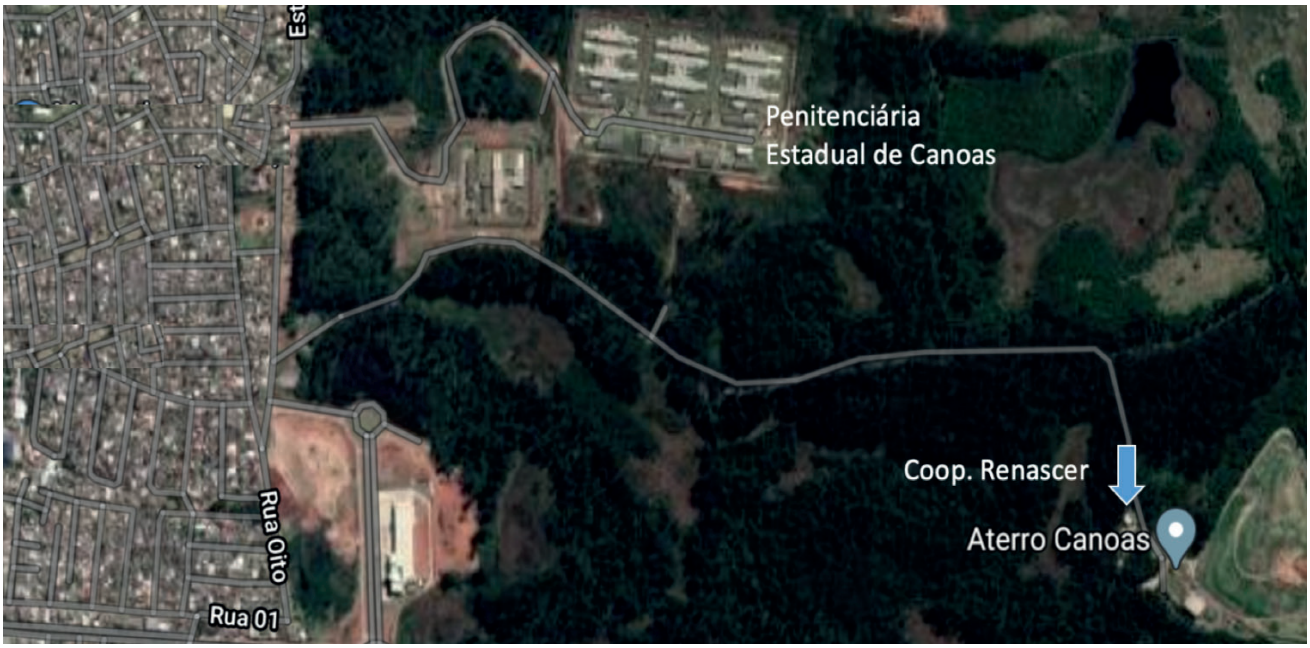


Fonte: Prefeitura Municipal de Canoas, 2020.

O Bairro Guajuviras tinha 39,5 mil pessoas residindo em 250 hectares de terra conforme o Censo de 2010, divididos em sete setores, que são compostos por quadras e depois por lotes (GUTERRES, 2014). A Cooperativa Renascer está localizada ao lado do antigo Aterro Sanitário, uma vez que teve ali sua origem (Imagem 1). Para chegar até a cooperativa, depois de passar por várias ruas e casas construídas muito próximas, é preciso percorrer 3 km de estrada de chão batido, em meio a uma mata reflorestada, passando por uma penitenciária e por muitos caminhões que levam e trazem resíduos domiciliares do município ao Transbordo da Coleta de Resíduos Orgânicos (antigo aterro sanitário e anterior lixão), localizado ao lado

da Cooperativa. Em dias de chuva torna-se especialmente difícil chegar na Renascer, pois a estrada fica escorregadia devido ao barro.

Figura 2 - Localização da Cooperativa Renascer



Fonte: Adaptado de Google Maps em maio de 2020.

A atual Cooperativa é o grupo mais antigo de reciclagem de Canoas, estando em atividade desde 1976[9]. O grupo iniciou com catadores informais no antigo lixão da cidade, na Fazenda Guajuviras, onde hoje se localiza o aterro desativado e atual Transbordo da Coleta de Resíduos Orgânicos. Durante aproximadamente 25 anos (1976-2001), organizavam-se informalmente em turnos para a catação do lixo diretamente do que os caminhões ali depositavam. Naquele tempo, como ainda não estavam organizados formalmente, não tinham visibilidade nem apoio público para a realização das atividades, e muitos catadores e catadoras viviam da catação de resíduos que conseguiam vender para os atravessadores (BORGES; SOUZA; SCHOLZ, 2019). Somente no ano de 2001 o grupo formou a primeira associação e depois, em 2005, a Associação Renascer foi fundada. Em 2011, o grupo migrou para o regime de cooperativa e passou a ser conhecido pelas demais cooperativas como o "grupo do aterro".

Assim, a Cooperativa Renascer passou por muitas adversidades e lutas, tal como aparece na linha do tempo (Quadro 1).

9 Não há consenso a respeito do ano que o grupo iniciou a catação, podendo ter ocorrido de 1976 a 1986.

Quadro 1 – Linha do tempo

Catação individual	Primeiro galpão sem paredes	Visita do Sr. Francisco e empresa alemã	Braskem entrega prensa e elevador	Prestação de contas fechada, diferença no tratamento dos associados INSS atrasado	Formação da Associação Proj. Cataforte I Formações
1976-1986[10]	**1995**	**2002**	**2005**	**2009**	**2010**
Lixão	Lixão	Lixão	Associação Renascer	Início do proc. Incubação com Unilasalle	Formalização como cooperativa Assumiram a Coleta Seletiva
Mudou a forma de trabalhar	Conquista da esteira, cozinha, parte do galpão Proj. Caminho das Águas	Projeto Coca-Cola	Construção e mudança para o novo galpão fechado	Nova coordenação Prestação de contas aberta Reforma no refeitório	Escritório novo (Proj. Coca-Cola)
2011	**2012**	**2013**	**2014**	**2016**	**2017**
Pagamento INSS Contrato com Prefeitura M. Canoas	Conquista do caminhão pelo Proj. Cataforte II	Projeto Doe seu Lixo 3 Desincubação com Unilasalle	Projeto Caminho das águas	Autogestão[11] Ônibus Acesso a água Elevador Curso IFRS de informática Oratória Proj. FLD	Prêmio Pró Catador (concedido ao Município)
Incubação com a I.E.E.S.Unilasalle	Construção do banheiro	Pandemia	Pandemia	Educação ambiental da população	Educação ambiental da população
2018	**2019**	**2020**	**2021**	**2022**	**2023**
Proj. Voz das Catadoras Etnometodologia na Incubação Unilasalle-CNPq	Continuidade contrato coleta seletiva Etnometodologia na Incubação Unilasalle-CNPq	Continuidade contrato coleta seletiva Memórias da Incubadora Unilasalle--Fapergs	Continuidade contrato coleta seletiva Memórias da Incubadora Unilasalle-Fapergs	Eurociclo Canoas Recicla com a Gente Memórias da Incubadora Unilasalle-Fapergs	Canoas Recicla com a Gente Memórias da Incubadora Unilasalle-Fapergs

Fonte: Dados compilados das entrevistas.

Atualmente, a Renascer possui um galpão de madeira com cerca de 250 m² de área. O galpão foi construído com o apoio da Associação Caminho das Águas, conhecida também por ECOPROFETAS, da Prefeitura Municipal de Canoas e dos cooperados. Atualmente, a Cooperativa conta com uma pequena esteira, a qual geralmente está desativada, um elevador para o carregamento dos fardos e duas prensas hidráulicas. Na cooperativa trabalham aproximadamente 20 pessoas, divididas entre as atividades de coleta, triagem e produção.

10 Não há consenso a respeito do ano que o grupo iniciou a catação, podendo ter ocorrido de 1976 a 1986.

11 Autogestão se refere a uma nova forma de gestão onde o gerenciamento é realizado de maneira igualitária por todos os cooperados especialmente em termos de tomada de decisão e ocorre eminentemente em empreendimentos econômicos solidários (SCHWENGBER; BRAUN; BORGES, 2015).

As condições de trabalho eram bastante precárias antes da mudança para o galpão em 2014.[12] Embora a cooperativa possua uma esteira, a catação ainda é manual e ocorre na esteira, mesmo desligada. Em 2015, segundo o relatório da Ambiética, alguns cooperados ainda insistiam em trabalhar isoladamente e a forma de catação lembrava o trabalho no antigo lixão.

Com o tempo e a inserção em projetos que fomentavam o trabalho coletivo e preparavam os catadores e catadoras para a potencialização das ações nas cooperativas, em 2017 a Cooperativa Renascer foi contemplada com o prêmio "Pró-Catador" do Governo Federal, como uma forma de reconhecimento pelos serviços prestados (BORGES; SOUZA; SCHOLZ, 2019).

A partir do trabalho realizado com o grupo em 2018 e 2019 pela Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle, não percebemos a continuidade da realidade de privilegiar o trabalho individual, tal como apontado no relatório da Ambiética em 2015, estando, ao nosso ver, os cooperados reunidos coletivamente em prol das atividades (BORGES; SOUZA; SCHOLZ, 2019). O relatório da Ambiética, de 2015, descreve que existia organização na parte interna do galpão quanto à disposição dos materiais (prensagem, enfardamento e estocagem), o que confirmamos, pois, a partir das observações realizadas[13] a organização do trabalho operacional tem melhorado, mesmo com altos e baixos. Chamou-nos bastante a atenção a forma como organizam os materiais antes da prensagem, tais como itens separados por tipologia.

A cooperativa possui uma cozinha, onde o almoço é preparado diariamente por uma cooperada, uma área coberta, um escritório e também dois banheiros. Ressalta-se que os banheiros tiveram sua construção somente em 2019, quando foram concluídos para uso, ou seja, desde sua fundação a Renascer conquistou um direito básico, que significa o acesso a um banheiro, praticamente mais de 40 anos depois de seu início. Para suprir essas carências, utilizaram patentes de madeira, a mata e depois um container improvisado. A compra dos alimentos utilizada para a confecção do almoço é realizada pela coordenação da cooperativa, a partir da gestão das entradas e saídas financeiras. A Cooperativa também possui um galpão exclusivo para armazenamento de fardos prontos para a venda.

A jornada de trabalho é de oito horas diárias. Até 2014, a localização da cooperativa obrigava as cooperada a caminharem a pé 3 km de ida e 3 km de volta em uma estrada de chão batido em meio à mata até o local urbanizado mais próximo, para poderem utilizar o transporte público (CANOAS, 2015). Algumas vezes o motorista do caminhão da coleta domiciliar fazia o favor de transportar as cooperadas. A partir de 2018 essa realidade mudou, já que a atual coordenação[14] (que assumiu em 2016) conseguiu um ônibus para a condução das cooperadas. A cooperativa possui um caminhão próprio para realização dos trabalhos e recolhem, em média, entre 40 e 50 toneladas por mês de resíduos sólidos.

12 O texto original do Relatório da Ambiética ajudou a embasar os dados desta seção é da autoria da Ambiética Assessoria Ambiental Ltda (2015), disponível no site da Prefeitura de Canoas em: https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/ANEXO_05_DIAGNÓSTICO-DA-COLETA-SELETIVA-organização-quantificação-e-manejo.pdf. Acesso em: 02 dez. 2019.

13 Dentro do projeto da Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle em 2018 e 2019.

14 Atualmente, a coordenação é composta por um homem na função de coordenador geral, pela Michele como coordenadora financeira e Jéssica como coordenadora administrativa. Observamos que apesar do protagonismo das mulheres, quem ocupa oficialmente a função de coordenador geral é um homem.

1.2 Re-nascer: simbolismos e luta

A Cooperativa Renascer tem como logotipo e simbolismo a representação da ave mística Fênix. Ela está desenhada de maneira estilizada na parede frontal do galpão da cooperativa (Imagem 2).

> A fênix é um pássaro místico de um esplendor sem igual, dotado de uma extraordinária longevidade, e que tem o poder de se consumir em uma fogueira, de renascer de suas cinzas. Quando se aproxima a hora de sua morte, ela constrói um ninho de vergônteas (ramos de videira) perfumadas onde, no seu próprio calor se queima. (CHEVALIER, 2009, p. 421-422).

Figura 3 - Cooperativa Renascer com galpão novo em 2014

Fonte: Cooperativa Renascer (Foto de 2014).

A escolha pela representação da ave Fênix não ocorreu por acaso, pois as cooperadas sentiam-se podendo "renascer das cinzas" por meio do trabalho coletivo, pois já haviam enfrentado tantos momentos de "vida-morte-vida", tanto a partir de situações difíceis, como em momentos de alegria e conquistas. No Relatório de Nº 8 do Projeto da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Unilasalle, é descrito pela D. Sônia que "*o nome Renascer vem justamente de todas as vezes que a cooperativa quase acabou, "morreu" um pouco, mas ressurgiu, assim como uma fênix. Por isso, o grupo solicitou a construção de uma nova logotipo*". O novo logotipo (Figura 2) foi desenvolvido pelo designer Egon Ferreira de Souza, no momento bolsista da Incubadora entre os anos de 2013-2016. A iniciativa para o novo logotipo da cooperativa foi da coautora deste livro Daiana Schwengber.

Figura 4 - Logotipo da Renascer

Fonte: Logotipo da Cooperativa Renascer, Designer Egon Ferreira de Souza[15].

A seguir são apresentadas falas de cooperadas sobre as lembranças do passado da Cooperativa Renascer. De acordo com a coordenadora Michele, "*a dona Sônia tá desde o [tempo do] aterro e ela na cooperativa tá há trinta e três anos. Ela tá desde que eu tinha um ano, desde que eles catavam no lixão, depois veio o aterro, depois foi associação e depois a cooperativa*".

Dona Sônia acrescenta que "*aconteceu que em 2005 por aí, vigorou uma lei que não podia mais ninguém trabalhar em céu aberto né, nos aterros sanitários em geral. Então, a Prefeitura nos removeu de lá [do lixão], e com muita luta com a prefeitura, conversando com os governantes da época, conseguimos que eles dessem um galpão. Ainda era só a cobertura pra gente trabalhar embaixo. Mas ali, a gente também pegava material lá [no lixão] e pegava um pouco pra levar pra coleta né, eles doavam pra gente muito, mas naquele tempo ainda era só associação*".

A coordenadora Michele lembra que "*naquele tempo (2004) eles não podiam mais trabalhar ali no aterro, porque não era pra ter mais pessoas trabalhando em nenhum aterro. Foi com o governo do Jairo Jorge (2009 em diante) que eles começaram a falar na coleta seletiva. Então com ajuda de várias pessoas, várias mesmo, até o pessoal do La Salle naquela época, o pessoal da Secretaria do Meio Ambiente (o Baronio) que se articularam pra organizar as cooperativas para que pudessem ter contrato de coleta seletiva com a Prefeitura. Daí eles [o grupo] foram obrigados a se organizar como associação, e depois de associação para cooperativa pra poder assinar o contrato. Daí ficaram um ano como associação se organizando para ter a documentação como cooperativa, pra poder assinar o contrato no nome da cooperativa. Naquela época, o trabalho era em um galpãozinho. A Prefeitura largava o material em num caminhão-gaiola pra eles. Depois quando eles assinaram o contrato da coleta seletiva com a Prefeitura a cooperativa começou a alugar um caminhão pra fazer a coleta. Daí nessa época foi quando eu entrei aqui em agosto de 2011, recém eles tinham desmontado um galpão que eles tinham ali na frente que era só o telhado e tinham ido pra aquela lá de baixo que também era só o telhado.*

15 A renovação do logotipo ocorreu dentro do projeto da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários Unilasalle em 2018, processo facilitado pela coautora Daiana Schwengber.

Naquela época, o seu Adair ia lá na COOARLAS prensar o material. Então eles levantaram esse galpão, trabalhavam direitinho lá, até o lixo se espalhar e o pessoal ter que trabalhar na rua. Quando eu cheguei a gente trabalhava na rua, mesmo tento galpão lá em baixo, mais ou menos assim. Aí depois com projeto do Caminho das Águas teve o acompanhamento do Roque e da Odete quando ganharam a esteira. Então, a cooperativa foi obrigada a organizar um pouco o galpão por causa da esteira: daí um pedaço que era chão batido eles botaram piso e fecharam dois lados até onde estava a esteira de costaneira (parte de fora da árvore serrada - tora) só que as duas pontas entre esses dois lados continuavam abertas por causa da esteira. Então, deram uma organizada por causa do projeto da esteira.

Quando a gente ganhou a esteira, acho que isso foi em 2012 ou 2013 e aí depois em setembro de 2014 a gente veio para este galpão, mais afastado do anterior, porque então eles não podiam manter pessoas trabalhando na área do aterro. Daí eles (a Prefeitura) deram essa área pra cooperativa e desde então a gente tá aqui. Eu sei que com a história de tirar a gente dali de baixo e botar a gente aqui e daí conversando entre eles lá e mais o pessoal da Prefeitura que na época era a Roseli na diretoria de resíduos, então eles viram a possibilidade de ver com a Petrobras, porque foi eles [a Petrobrás] que deram dinheiro pro projeto Caminho das Águas, de conseguir mais dez mil reais pra, ao invés de fazer um banheiro de alvenaria, construir um galpão. Nem que fosse um galpão "meia boca" aqui seria bom, porque se não a gente ia ter como vir pra cá [para usar o banheiro] e não ia ter a onde a gente ficar. Ao invés do banheiro eles construíam uma cozinha, daí com mais dez mil reais e com ajuda da Prefeitura eles iam fazer o galpão, que foi esse galpão [atual] que eles fizeram. A Prefeitura deu as madeiras pra fazer, na verdade deu o projeto, construiu a cozinha e a estrutura daquele ali, porque daí as madeiras foi daqui mesmo e o piso também que é de asfalto foi a Prefeitura, aquele espaço da gaiola foi a Prefeitura também que construiu, é isso".

Sobre as primeiras impressões acerca do trabalho com resíduos, Michele destaca que: *"eu nunca tinha visto uma cooperativa na minha frente, quando eu cheguei aqui lá embaixo que eu vi onde trabalhavam, que era um buraco cheio de lixo, não enxergava nem a mesa. Tinha duas mesas, eu não enxergava a mesa, eu olhei um banheiro e era... Eu não me lembro bem se era o contêiner, mais eu me lembro que o seu Adair tinha feito coisa mais pro lado que eu não me lembro nem se o contêiner tava funcionando, tinha feito tipo uma "patentezinha" lá no meio do mato, eu olhei aquilo, eu vi elas trabalhando naquele estado assim lixarada lá pra cima, eu olhei assim, eu analisei sabe, ninguém achou que eu ia ficar quem me conhecia lá de baixo até o Fernando, disseram que eu não ia ficar que eu não ia aguentar até o Fernando careca e o Fernando que era a biba que tinha me falado do lugar, porque eu me apavorei, mas eu queria um dinheirinho a mais então eu olhei pra aquilo, mas não olhei pra aquilo tipo 'ah, vai me impedir de trabalhar'. Não, me apavorei porque na verdade não tinha visão de nada do que era uma cooperativa, porque eu nem sabia que existia e nem o que que era uma cooperativa.*

Só que assim ó, quando eu fui, daí eu fui buscar, eu fui perguntar o que que era, eu fui buscar na internet o que que era uma cooperativa, porque pra mim era uma coisa bem diferente, o que eles me explicaram que pra mim não ficou bem claro e eu fui buscar o que que era, então eu fui atrás, quando eu vi o que que era, que eu entendi o que era, eu tomei aquilo pra mim e pra mim aquilo ali era verdade, independente de como funcionava ali dentro e eu sempre fui por aquilo ali, não a cooperativa é e todo mundo, todo mundo decide junto, a gente tentava, batia, batia, batia e não dava, mas mesmo assim a gente falava, a gente se revoltava, a gente se reunia tudo ia embora e depois voltava era assim que a gente fazia.

Uma vez a gente foi embora todo mundo porque a gente queria tirar uma guria, a gente não conseguiu ser a maioria, que a pessoa dormia sentada na prensa, prensava, dormia sentada na prensa, a pessoa não

trabalhava se escondia pra não trabalhar, a gente fez reunião para tirar ela, só que, a gente não era a maioria e mesmo assim a gente foi embora, onze pessoas, onze. A gente não era maioria porque lá embaixo era muito mais gente trabalhando, às vezes era vinte e poucos só na triagem, eu me lembro, era vinte e poucas pessoas era muita gente, não sei porque lá tinha muito mais, sei lá, eu sei que lá tinha muito mais gente do que a gente consegue trabalhar aqui hoje, aqui nosso limite é catorze/quinze que depois a gente não tem feição pra botar pessoa, não tem espaço, quando trabalhar lá aí a gente vai ter, no outro galpão, mas hoje não tem como a gente botar mais que quatro de cada lado da esteira e nem como botar mais e quatro na mesa, a gente não tem, a gente não consegue trabalhar, por mais que tenha material, mas a gente não consegue trabalhar, não tem espaço pra botar todo mundo pra trabalhar".

De acordo com o relato da cooperada Franciele, no tempo daquele galpão ao lado do aterro sanitário, *"a forma de trabalhar que era tudo no bag, tudo na chuva. A gente trabalhava com a água quase no joelho, né, Dona Sônia? Não tinha cozinha, não tinha banheiro. Lá [no aterro] a gente tinha que levanta os fardos, todos bagulhos na mão para bota em cima do caminhão, agora [no galpão] tem o elevador, tem tudo. Ah, aqui [no galpão novo] é muito melhor... tá louco. Lá a gente trabalhava tudo na água; tinha que abrir valeta na chuva para escorrer a água, lixo molhado ainda, tudo, e o lixo era no tempo"*. Uma cooperada lembra que lá não tinha mesa, refeitório, sofá para os intervalos: *"eu to falando que no almoço a gente não tinha que nem a gente tem, senta numa mesa"* e Jéssica diz que *"a gente sentava num bag, sentava num fardo, no chão, sentava no meio do lixo para comer"*. Atualmente, Franciele lembra da maneira como a matéria prima, que vem da coleta seletiva, chega para ser triada: *"ah... o lixo, no modo... agora é bem sequinho, porque lá era tudo molhado por causa do tempo né, sujo, apodrecido, cheio de bicho"*. Jéssica lembra também: *"Ah... e fora quando a gente trabalhava a quinzena toda com chuva e vento e o nosso pagamento era roubado ainda, saía sem nada ainda (risos)."*

Jéssica, por sua vez, complementa como era trabalhar 'no lixão'[16] de acordo com a percepção dela: *"a gente trabalhava na chuva e no sol direto, sol e chuva. Trabalhava naqueles morrão em cima de lixo. O galpão era cheio de material, não tinha como trabalhar dentro dele, a gente trabalhava na rua para tentar tirar algum material da rua, aí era direto. A gente vai às vezes lá, ao meio dia, dá uma olhada. A gente olha aquele buraco e lembra tudo alagado"*. Ao se lembrar de como o trabalho ocorria no aterro, Jéssica revela sentir saudades: *"Bah! Dá saudade, mas só de quando chovia que não dá saudade! Saudade das pessoas. Muitas pessoas passaram por lá, muita coisa aconteceu lá, muita coisa boa, coisa ruim. Aqui já aconteceu muita mais coisa boa... lá não tinha tanta rotatividade assim de pessoa e aqui, que é melhor, é que troca bastante"*. Ao ser perguntada porque, Jéssica responde: *"Ai sei lá, uma 'zica' que tem."*

Franciele lembra como eram as refeições no tempo do antigo galpão: *"E lá nós tinha que comer no meio do lixo né, não tinha como esquentar a comida…comia ali mesmo"* Jéssica complementa: *"A gente comia com os ratos olhando do lado da gente e a água era quente no solão, não tinha geladeira e era tudo aberto pra esquenta a água pra passar café, era muito aberto, muita chuva com vento, meu Deus!"*

Jéssica lembra do esforço que era para carregar os caminhões: *"E as vezes nóis tinha que pegar e botar os fardo tudo nas costa pra subir no caminhão. A gente carregava o caminhão no braço e sempre foi mais mulheres"* Jéssica compara com a realidade atual no novo galpão: *"Ah aqui elas tão no bem bom, tão no paraíso, mas, se fosse naquele tempo..."*

16 A expressão trabalhar no lixão refere-se ao tempo em que o primeiro galpão da atual cooperativa foi construído ao lado (na verdade um pouco abaixo) da montanha de lixo recebida diariamente (até 2014).

Franciele lembra que não tinha transporte para as cooperadas: *"a gente caminhava a pé nesse mato"* e Jéssica complementa: *"se a gente não quisesse ficar até nove, dez horas da noite esperando caminhão [que trazia os resíduos domésticos] a gente tinha que ir a pé, e todo mundo mora lá no final perto da Cohab [bairro]."*

Quando alguém vinha procurar trabalho muitas vezes não ficava, segundo o depoimento de uma cooperada: *"Eu vim aqui trabalhei um dia só lá embaixo, mas não vim nem pergunta mais de dinheiro"*, Jéssica complementa *"Ninguém aguentava, porque as pessoas chegavam olhavam pro lixo e sumiam, mas até que lá as pessoas aguentavam mais que aqui."*

No antigo local de trabalho, as cooperadas não tinham banheiro. Jéssica diz que *"é o mesmo container que trouxeram pra cá"* e Franciele finaliza: *"a gente passou muito trabalho, muito trabalho!"*

Jéssica lembra sobre a vontade do grupo querer sair daquele local e como a mudança começou: *"Ah a gente pensava, a gente via bastante gente prometer, mas a gente não acreditava muito. A gente ficava esperando, não perdia a esperança, mas também não acreditava muito, mas daí aconteceu um projeto prum refeitório que a gente ganhou e daí foi que eles, e daí no tempo era a Roseli a diretora e penso "mas o que que adianta ter um refeitório e não ter onde trabalhar?" e daí ela conseguiu com a Prefeitura lá as madeiras tudo para construir esse galpão, foi a que mais correu, né?"*.

Franciele reconhece os esforços da Roseli: *"A Roseli ajudou nós bastante, e falava pra gente não desisti, tava sempre aqui"*, Jéssica concorda: *"Bastante mesmo, a Roseli tava todo dia aqui, ela vinha mais vê a obra do que nós. Em 2012 ganhamos o caminhão, mas a gente achou que ia ser uma coisa e foi outra né, porque caminhão próprio, a gente não tinha tanta noção das despesas e foi escolhido uma marca não muito boa que não é pra esse tipo de serviço, que estraga bastante, ele não é pra tanto pára e arranca assim, daí toda hora ta estragando, estraga uma coisa, estraga outra"*.

Como consequência disso, Joseane lembra que *"a Michele explicou pra nós que é em função do caminhão que estragou muito né, tamo devendo um horror dele, de manutenção, do caminhão..."* Nesse sentido, Jéssica lembra que: *"vixi, se não fosse o caminhão taria uma maravilha, porque ele faz muita despesa, a gente teve, agora em 2018, em dois meses 35 mil reais em conserto de caminhão e 20 e poucos mil de aluguel do outro caminhão para fazer o roteiro. Isso quebrou as nossas pernas. A gente já tentou o banco que a gente tem a conta corrente e eles não emprestam nem um real pra nós, que eles falam que o dinheiro só entra e sai, e como é cooperativa né é de todos, todos são donos e a cooperativa tem contrato com a Prefeitura e é sempre assim né, de ano em ano vai renovando aí eles falam a qualquer momento pode a Prefeitura cancelar, bota uma empresa, aí a gente não consegue financiamento pra comprar outro caminhão."*

O grupo reconhece a importância do contrato de coleta seletiva que a cooperativa mantém com a Prefeitura: *"o contrato ajuda muito né, dá muito emprego, tipo se não tivesse esse contrato, não tinha como nós fazer a coleta na rua. Não tinha como pagar os guris, motorista e também ajuda a manter a cidade um pouco mais limpa, um pouco, né..."*

Formalmente, a Cooperativa Renascer teve início no ano de 2011, para poderem ter acesso aos projetos existentes na época e poderem ter acesso aos direitos oferecidos pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), ocasionalmente mudando e melhorando a forma de trabalho. Anteriormente, no ano de 2005, fundou-se a Associação Renascer, uma vez que de acordo com a Dona Sônia *"aconteceu que vigorou uma lei que não podia mais ninguém ficar, trabalhar em céu aberto né, nos aterros sanitários gera,*[17] *aí a*

17 A denominada lei dos resíduos sólidos é derivada da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei de nº 12.305/2010, a qual foi um marco regulatório em relação ao gerenciamento de resíduos no Brasil.

Prefeitura nos removeu de lá, e com muita luta com Prefeitura e voltando sabe? conversando com os governante da época né, aí conseguiu que dessem um galpão, só a cobertura pra gente trabalhar embaixo, mas ai igual a gente pegava material lá e pegava um pouco pra mim leva pra coleta né, eles doavam pra gente muito, ainda só era associação..."

Porém, foi só no ano de 2011, logo após o grupo assumir a coleta seletiva em 2010, que o grupo passou a se denominar Cooperativa Renascer, passando assim a se beneficiar de projetos. Como já mencionado anteriormente, no ano de 2012 através do Projeto CATAFORTE,[18] a cooperativa ganhou um caminhão para lhes auxiliar na coleta. Já em 2014, a cooperativa passou a ter um galpão fechado a partir do projeto Caminho das águas, mas ainda não possuíam um banheiro adequado para utilizarem, apenas um container.

A Cooperativa Renascer teve cinco coordenações diferentes na sua trajetória, desde 1986 até o ano de 2016. Anteriormente, segundo relatos dos cooperados, as coordenações não permitiam que os mesmos tivessem acesso às notas fiscais referente às vendas dos materiais, a prestação de contas não era aberta e apenas os coordenadores tinham acesso, e também alguns cooperados tinham mais benefícios do que os outros. A quinta coordenação que iniciou em 2016 (a atual), trouxe melhorias no trabalho e no ambiente, tais como: tem prestação de contas abertas, mas com rotatividade de pessoas, tem ônibus, banheiro no container, acesso a água, espaço fechado, elevador, cozinha limpa para fazer as refeições.

18 Um dos capítulos deste livro destaca os incrementos que os projetos trouxeram à cooperativa.

CAPÍTULO 2 - REUNIÕES E LADAIAS

Quando o grupo da Renascer foi questionado sobre possíveis capítulos que um livro sobre a cooperativa deveria conter, o item "Ladaias" recebeu unanimidade. Isso aconteceu ainda nas reuniões de capacitação dentro do projeto Etnometodologia.

O grupo da Cooperativa Renascer entende por "ladaia discussões que são geradas a partir da necessidade de decisões ou mesmo de conflitos que são tratados em reuniões realizados a partir do pedido da coordenação e, na maioria das vezes, como uma demanda dos próprios cooperados. Conforme a coordenadora Michele, *"na parte de um capítulo para as reuniões não seria só para falar de ladaia, seria para como foi o crescimento das reuniões do começo, cada pessoa, de falar nas reuniões que no começo não era assim, e que as gurias que tão aqui hoje, gurias que passaram que veio de outras cooperativas que não era assim e que muitas das vezes não aproveitam a oportunidade que tu tem um espaço para poder falar a tua opinião."*

Michele exemplifica como funcionam as reuniões: *"Não interessa se todo mundo falou que é para ti ir no "A" mas se eu acho que é o "B" eu posso argumentar e falar o porque que eu acho que é. Eu sempre fui assim, não é só na cooperativa entendeu? Aonde que eu vou, onde que eu tô, eu sou sempre assim mesmo que falem sempre do contra, sempre critica, mas azar... é o que eu acho".*

Com relação às reuniões, para que entrem em acordos a respeito das regras para todo o grupo, Michele comenta que *"ah, quando as regras funcionam... quando funciona, funciona assim: a gente se reúne e determina as regras, algumas coisas que nem o Regimento Interno... o estatuto... também são coisas que são baseadas em modelos de outros lugares. A gente não tirou do nada, aquele estatuto que a gente tem hoje ali a gente construiu com a Lurdes (integrante da Incubadora Unilasalle) na época que a gente era... era incubado do La Salle, a Lurdinha, daí a gente fez com ela pegando o modelo que tinha da COOARLAS, a gente fez revendo com ela. Depois a gente revisou algumas vezes e depois por último agora com vocês [a Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle].*

Michele relata também os desafios de se fazer cumprir as combinações: *"Cada um dá opinião e a gente tá sempre trocando, ou alguma coisa que não tá no regimento interno, que a gente só escreve na ata e combina entre nós, a gente tenta fazer valer, mas nem sempre vale. Sempre vem alguém; se alguém conta uma história mais triste, passam por alguma dificuldade eles [o grupo] passam por cima. Aí não vale coisas, assim que já aconteceu de não pegar quem saiu antes de seis meses, já aconteceu várias vezes, a gente pegar pessoas que saíram antes de fechar os seis meses. Já pegaram dois dias depois, uma semana depois, a gente tem regras ali que não pode ter. [Outra regra é que] não pode uma pessoa ter relacionamento com outra aqui dentro, que tenha algum compromisso, que seja casado ou coisa assim, não pode. A pessoa que foi comprovada com coisa de roubo também não pode e já aconteceu, que nem, as pessoas aqui contaram uma outra versão, mesmo que tiveste visto que foi, mas a pessoa desconversa aqui, desconversa ali, aí se acredita nas pessoas ou mandaram a pessoa embora, depois a pessoa vem ali a uns dois meses, pede pra voltar elas [o grupo] pegam de volta".* Observa-se no relato de Michele que, na cooperativa Renascer, as decisões são tomadas pelo grupo, e mesmo tendo o regimento interno com regras claras, na prática, nem sempre é cumprido, o que se constitui no desafio histórico de qualquer coletivo. Nesse sentido, a autogestão é um processo a ser construído e não um formato já consolidado.

Michele traz um exemplo de como as relações interpessoais se atravessam nas decisões coletivas, como admitir uma pessoa para (re)começar a trabalhar na Renascer. *"Isso aí vai depender da pessoa, vai depender da pessoa, do dia que ela vier aqui, se tiver alguém que ela sabe que vai falar contra ela, daí ela sabe*

as vezes o dia que ela pode vir aqui, que não vai ter a fulaninha não tá ali, aí eu vô falar com aqueles [que estão presentes]. Ah! Mudou bastante pessoas eu vô tentar, já aconteceu, de pessoas virem e o pessoal pegar porque não tinha alguém que fosse falar, argumentar pra não pegarem aquela pessoa ali. A pessoa sabia daí vinha naquele dia. Tem a regras que a gente tenta fazer cumprir, mas a gente sempre revisa, a gente conversa."

A respeito da combinação sobre a quantidade de faltas permitidas por cada cooperado, Michele relata o desafio de compartilhar a tarefa de controle das combinações: *"Essas coisas de faltas, de tempos em tempos a gente vai trocando [a regra sobre as faltas]. Aí uma hora valia dois dias, depois valia três dias, hoje vale dois de novo"*. A respeito da regra sobre a quantidade de tempo para os intervalos para o lanche *"Era pra ser só cinco minutos de café e agora já passou de quinze, agora é meia hora. Mas a última reunião que a gente fez, e que fechamos um acordo entre nós, era intervalo de cinco minutos, só aquele que era pra ficar uma pessoa marcando, aquilo ali a gente conseguiu se organizar em duas semanas, depois ninguém queria mais, né, não era meu dia, já fui ontem e a fulana nunca foi, a fulana a eu não quero cuidar [do tempo de intervalo e anunciar para o grupo voltar ao trabalho], não quero não sei o que..., e foi ficando de lado, os cinco minutos se transformou em quinze e os quinze se transformaram em meia hora, que às vezes se transforma em quarenta minutos"* (Michele em oficina da Incubadora Unilasalle, 2018).

Porém, mesmo que todos os participantes da cooperativa tenham a oportunidade de colocar sua opinião, muitas vezes este espaço não é aproveitado, dando margem para fofocas, tal como coloca Michele: *"Muitas vezes eles preferem falar na esteira do que falar aqui com as pessoas, porque não querem ficar de mau. Porque os outros levam para o lado pessoal... porque a gente acaba se envolvendo muito aqui. A diferença quando eu trabalhei quatro anos e meio aqui, antes de pegar de carteira assinada, e eu não tinha intimidade que eu tenho hoje com as gurias aqui, com aquelas que eu tinha lá entendeu? Até porque a gente mora mais ou menos uma perto da outra ou tem gente que eu conheço fora daqui da cooperativa que eu já conhecia antes entendeu? Tem outro tipo de amizade e a gente acaba se envolvendo. Às vezes, é difícil tu falar com aquela pessoa tem que melhorar nisso ou tá errada naquilo, e a pessoa entender que aquilo é do serviço e não uma coisa pessoal com ela. Aqui é difícil! Aí vão achar que eu to 'me encarnando'! Ai se eu falar vão virar a cara para mim! Porque às vezes acontece, a pessoa leva para o lado pessoal, acha que é pessoal, não entende que é uma coisa do serviço que ela tem que melhorar".*

Para Michele, muitas vezes as pessoas não falam o que pensam porque *"tem vez que as pessoas têm medo, e elas acham que devem [uma pessoa] melhorar, [mas não falam para a pessoa] porque sempre dá ladaia, porque falou com "fulano" ou com "ciclano", mas não falou pra pessoa [em questão]. Daí a gente puxa em reunião, fala! Aí tipo assim, reclamam o tempo todo de uma situação de uma pessoa e aí quando a gente faz a reunião a pessoa tá aqui, todo mundo aqui, mas parece que ninguém quer… aí tá todo mundo: 'não... para mim ta legal, para mim ta bom!'. Só que essa situação acaba prejudicando a coordenadora, na percepção dela mesma: "aí tu fica por mentirosa, e aí a pessoa acha que era tu que tava falando aquilo, que é tu que tava falando aquilo, mas os outros não, porque só tu ta falando e normalmente esse "tu" é eu no caso né, a minha pessoa! Mas isso acontece de tempos..."*

Michele continua explicando o funcionamento de algumas reuniões na cooperativa que caracteristicamente acabam gerando as ladaias: *"a gente decide um negócio, decidimos aquilo ali num dia, decidiu está anotado. Não é questão de vir aqui perguntar, não é questão de vim aqui fazer reunião, de parar o grupo. É questão de que já fez aquilo ali, já tá acertado e mesmo assim a gente para e discute sobre aquilo ali e muitas das vezes [a reunião] passa do que a gente anotou, previu, decidiu antes, isso acontece muito… [As*

pessoas precisam entender] que não é só para o teu bem, é para o bem de todos nós. Eu acho que falta é cada um entender que que a cooperativa é sua".

Quando lembram de como ocorriam as reuniões e os demonstrativos de vendas e de resultado realizados pelas coordenações anteriores[19], Michele diz que: *"antes, quando eu entrei na cooperativa era assim: quando eu entrei as coisas já eram prontas; quando a gente queria perguntar alguma coisa [era entendido como se] a gente tava desconfiando, se sentiam ofendido que a gente não podia perguntar nada. A gente não podia dar opinião, quando entrava gente, era colocado e tirado pessoa sem a gente [o grupo] saber, das funções também, colocavam as pessoas pra uma função a gente nem sabia, [até] pessoa de fora, colocavam direto em alguma função, nem conversavam com a gente antes. Mas o que a gente faz hoje, primeira coisa que tem quando tem oportunidade de ganhar um... um valor a mais, a gente pergunta pra quem trabalha aqui dentro, se alguém quer ou se tem alguém, pra depois vê se tem alguém de fora que gostaria ou poderia..."* A cooperada Ana Cristina diz que *"aqui no caso a gente senta e conversa sabe, eles [coordenação] sentam com a gente e conversam. Lá [na outra cooperativa] não, lá mesmo eles dizendo que são uma cooperativa… lá tem patrão, eles mandam e pronto. É aquilo que eles querem e por mais a tua opinião não vale, tu até pode dar a tua opinião, mas não vale..."*

O grupo lembra que em coordenações anteriores eles não se sentiam ouvidos. A mudança da coordenação ocorreu somente depois de todo o grupo se unir. Uma cooperada percebe a diferença da maneira atual de coordenar: *"não quero puxar saco, mas agora tá tudo bom. As gurias (coordenadoras) fazem as contas tudo perto da gente, mostram pra gente no quadro, mostram certinho tudo, o que deu, o que não deu, o que sobrou, o que faltou, descontos, faltas..."* D. Sonia arrebata: *"Em todas as coordenações deu rolo, só não deu nessa. Aqui é tudo aberto, tudo especificado, tudo certinho*".

Outra cooperada continua: *"do jeito que vocês falaram de antes [do tempo das outras coordenações], agora tá cem por cento. Aqui ninguém se agarra no tapa, ninguém se agarra no pau*". Jéssica explica que: *"antes era garrafa, era pescoção… Naquele tempo lá não tinha essa de chega e puxa reunião, já chegava na pessoa e já soqueava..."*

Depois, com a atual coordenação, as brigas foram ocorrendo em formato de conversas, as reuniões foram ocorrendo como um lugar que os cooperados podem ser ouvidos, mas houve exageros na quantidade de reuniões inicialmente, segundo uma cooperada: *"Tinha tempo que todo dia que a gente chegava era reunião, aí a gente botava o pé no galpão…. reunião..."* Jéssica entende que atualmente há reuniões *"só quando tem necessidade, não é por causa de qualquer besteirinha a gente para. Antes é porque a gente gostava de ficar parado mesmo..."*. Com o tempo as reuniões foram surtindo efeito com relação às regras que eram construídas coletivamente: *"agora a forma mudou, tem mais regras agora. As regras são mais cumpridas"*, diz Jéssica. Ao ser questionada sobre a regra do tempo do intervalo, Jéssica coloca: *"Ai não fala dos intervalos, eu tô falando que as regras estão sendo cumpridas..."*. Percebe-se que o horário dos intervalos é um dos principais motivos para ladaia.

Segundo a Jéssica: *"É ladaia, aqui fofoca é ladaia, é ainda têm, sempre vai ter né. Acho que quando trabalha assim um monte de pessoas junto é normal..."* Antes (durante as coordenações anteriores) era fofoca mesmo, Franciele exemplifica: *"fiquei sabendo, eu fulana isso e aquilo, me contaram*", mas segundo outra cooperada: *"Mas agora é assim, tem que dá nome aos bois*". Jéssica dá o exemplo: *"As pessoas que ficam se*

19 Optamos por omitir os nomes dos coordenadores anteriores, porém destacamos que eles também contribuíram para a memória da Cooperativa Renascer.

arrastando na esteira, não só na esteira né, as pessoas que estão devagar conversando, "é bem complicado, porque às vezes falam pra mim e pra Michele que tão se arrastando, aí quando puxa no caminhão ninguém fala, ninguém viu. Aí fica só como se só nós tivesse falado" e fica um clima incômodo no ar, *"Daí a gente fala, chama pra reunião e bota, mas os que falaram não falam"*. Uma cooperada coloca que *" pessoa então fica braba contigo, e leva pro coração, sabendo que é coisa do serviço entendeu..."*, Jéssica emenda: *"é que aqui não dá, é que fica um clima ruim dentro do galpão, fica titi ali titi ali.., chega uma hora que não dá mais e chama uma reunião, senão depois fica se pegando no pau, tudo que nem era antes, copo, garrafa voando..."* Porém, D. Sônia em tom conciliador diz que: *"aqui todo mundo é unido na hora que alguma ta precisando uma coisa, uma necessidade, uma coisa grande, todo mundo se reúne e uma ajuda a outra como pode, acho isso muito bonito"*. Outra cooperada não identificada emenda: *"eu trabalhei já nas outras duas cooperativas, essa aqui … não é querer puxar o saco né, mas essa aqui a gente vê que é tudo declarado, tipo pagamento, se tu vai perguntar alguma coisa para eles, eles te respondem, se tu vai perguntar lá o que que tu que sabe não te interessa. Nas outras se pegasse muito no pé deles, eles botavam o cara pra rua"*. Uma cooperada não identificada diz que *"aqui quem decide é o grupo se tu ta servindo pra trabalhar ou não, ou se tá ruim já chega e diz "oh, melhora aqui, melhora lá..."* E outra coloca que *"é aqui a gente participa mais né, lá a gente não podia participar de nada. Eles que decidiam entre eles (coordenações)..."* Outro cooperado diz que: *"eles decidiam o pagamento, decidiam o dia que nós ia receber, tudo. Nós não sabia nem quanto né..."* A cooperada Ana Cristina diz que: *"Eu tô me sentindo bem aqui na Renascer! Sabe eu me sinto bem aqui. Que nem eu disse para as gurias, que quando eu pedi para sair elas não queriam né, "a Michele disse não" todas as pessoas tavam me pedindo pra ficar, mas eu não consigo sair porque eu me sinto bem sabe, eu gosto daqui, eu gosto de fazer sabe, de trabalhar, de ficar aqui com eles, é uma família. A gente fica mais tempo aqui né, tem umas e outras, mas eu gosto de ficar aqui, gosto!"*

Uma cooperada relata sobre a importância da transparência nas relações e na parceria da coordenação atual em atuar junto com as cooperadas, no trabalho da triagem: *"aqui é bem melhor, sabe tudo. Não é nada feito escondido que nem, na soma a gente pode vim aqui e participa com eles sabe, preço de tudo material ta tudo ai, nos caderno e tudo, as pesagem tudo eles falam, porque daí a gente sabe quanto que a gente vai receber, sabendo que as guria tão sendo clara, não tão passando a mão no dinheiro que não é delas. E eu nunca vi uma secretária trabalha na esteira…, que nem a Michele trabalha na esteira e a Jéssica, porque quando eu conheci a Jéssica eu achava ela nojenta, cheia porque eu vi ela umas duas vezes na [outra cooperativa] que ela ia. Lá o [coordenador] uma vez disse 'ah, nós vamos começar a fazer que nem as gurias da Renascer, nós vamos começar a descer e trabalha com vocês na esteira, eu saí de lá e eles não foram (risos)"*. Outro aspecto característico da Cooperativa Renascer é que *"aqui é bom, a gente se diverte, a gente ri. A gente escuta rádio trabalhando"* conta uma cooperada. Jéssica complementa: *"na hora do meio dia a gente bota peruca"*.

A busca pela autogestão é uma das principais características da Renascer, porém, segundo a coordenadora Michele, ainda há dependência da figura do chefe, pois *"eles se baseiam muito em mim, me contam assim oh... quando eu vou viajar, fazer alguma coisa, alguma formação sempre assim oh eu fico dois, três dias fora; quando eu volto ai tem um monte de coisa que aconteceu naquele tempo. E eles esperam eu, só que a gente nunca teve só a Michele como coordenadora, a gente sempre teve duas ou três pessoas. Aí esperam eu chegar, o negócio já até aconteceu e eu tenho que escutar 3 ou 4 versões da mesma coisa e aí querem que eu decida, e eu jogo para eles, a gente faz reunião para decidir. Eles sabem que tem liberdade para gente resolve aquilo ali, aí vem conta pra mim esperando que eu tome a frente para fazer uma reunião e eu fiz muito isso, eu fazia reunião e eu ficava sozinha na reunião e a pessoa que me contou aquele problema me apoiava, e aí*

assim oh: é sempre assim algo monólogo, eu falando sozinha na reunião e as pessoas paradas me olhando. Daí eu falei isso não me adianta, faz assim oh vários meses pra cá que eu to tentando vencer isso, não é porque a gente era da coordenação tem que decidir tudo... Aí eu que tenho que falar, tenho que fazer a frente, e aí assim oh... se eu começo a falar uma coisa daí vão comigo e aí muitas outras pessoas acham "elas só votaram naquilo porque eu falei". Ai eu to tentando não fazer a frente de nada, deixa acontecer, porque aqui todo mundo é dono, ninguém é dono, eu penso dessa forma. Porque aqui, para nós, é muito dessa daí de todo mundo decidir não funciona; porque o pessoal se equivoca e aí quando eu argumento, falam em voltar atrás e eu digo: 'Não! Vocês não vão voltar atrás, eu estou falando para vocês refletirem para, da próxima vez, vocês não fazerem da mesma forma…'"

Nesse sentido, observa-se uma preocupação com relação à aprendizagem grupal nas ações da coordenadora. Ela continua: *"mas fazem do mesmo jeito. O pessoal pensa só no agora entendeu, tipo assim oh, teve um tempo que a gente ficou assim teve várias formações, veio bastante gente e a gente parou vários dias. A gente trabalha um sábado sim e um sábado não até 11h45. Aí teve um feriado, ai elas votaram que elas não iam trabalhar daí tá ok, votaram tudo e eu nem estava aqui, daí no outro dia eu cheguei sabendo que não trabalharia no feriado, daí eu falei assim "gurias a gente já ficou um dia parado, tal dia a gente ficou parado de tarde, tal dia a gente ficou parado de manhã", sei que dava uns dois dias parados e aí a gente ia ficar mais o feriado parado, e eu não recebo por produção eu recebo pela nota, aí mostrei isso daí para elas, aí a gente vai ficar mais esse dia parado. Aí eu disse "vocês viram quanto que tem de material?" aí elas nem tinham parado para olhar, aí elas ficaram pensando e disseram 'ah então vamos trabalhar, vamos trabalhar' daí eu disse não, eu não falei isso para vocês trabalharem, falei isso para vocês na próxima vez, vocês pelo menos pensarem o quanto que vocês trabalharam e o quanto que vocês têm de material e se vale a pena ou não. Porque é tipo assim oh... uma coisa que convém, quando é algo 'uma bomba', como eles falam, uma coisa mais séria, aí é coordenação. Agora se é uma coisa assim de repente para mim que é de favorecer aí é o grupo que decide"*. Esse é um indicador importante a respeito das ladaias.

Michele continua: *"ou então assim, a gente tem a nossa regra de quem falta dois dias no mês sem nenhuma justificativa não faz mais parte da cooperativa, aí teve, aconteceu isso umas três vezes, aí a pessoa saiu dois, três dias depois, ou uma semana depois, a pessoa veio aqui pedir para voltar e elas aceitam de volta. Elas vão comigo quando convém porque eu cansei de argumentar sobre várias coisas, negocio de falta, tiraram que era três falta e não duas, e aqui falta uma vez e é descontado duas. Até isso eu disse, 'gurias já que vocês diminuíram de três dias para dois, tirem isso de uma falta valer por duas', não a gente quer que continue e eu argumentei, argumentei e não tiraram, mas a hora que elas quiserem porque acham que estão faltando demais vão mudar..."* A respeito da maneira de ser da Michele ela conta que: *"a que mais dá a opinião aqui sou eu, desde sempre, até quando era a outra coordenação sempre, sempre, sempre, sempre, tem duas aqui que só são do jeito que são hoje de... de me ver, se alertaram assim pra vida de... de ver, é que eu sempre fui assim na verdade, né, eu sempre fui de falar, de ai não importa se, se todo mundo falar não se eu achar que é sim eu vô falar sim, se meu voto, aí todo mundo já votou não adianta, aí não adianta votar que eu não sou a maioria, eu falo do mesmo jeito, sempre dou minha opinião, a onde for não é só, não é só na cooperativa isso já é do meu jeito de ser. As outras pessoas não são assim! Não são, não, não são assim nas reuniões, chega numa reunião, que nem a última que a gente teve foi a avaliação, na sexta-feira retrasada, a avaliação de dois cooperados, aí tem hora que tem que ficar assim ó, fala fulano o que que tu acha? Aí parece que tá obrigando a pessoa, que que tu acha? Sim ou não, não acha nada, porque se tu nem pergunta fica um silêncio e também assim ó... depende do que que tá sendo colocado ali, aí se é uma coisa assim que sei lá particularmente pra*

mim eu acho bom ou que me favorece, eu sei lá na minha cabeça aquilo ali pra mim é bom aí eu já opino, mas se eu acho que é uma coisa assim, uma coisa do caminhão não tem nada a ver comigo, não me atinge ou ai eu não quero me queimar com a fulana então eu fico quieta e tem que ficar "o que que tu acha?" a não sei, pra mim tanto faz, bem assim, quando era pra, quando fizeram a reunião pra tirar o [nome do cooperado] da coordenação, tava escutando essas dias porque a maioria das reuniões eu gravo, tava escutando, tava escutando daí eu só escutando, né, aí na reunião a maioria do tempo eu falando, daí uma outra falando, daí tinha que perguntar "fala fulana" ai pra mim tanto faz se vai ter ou não ou então começa num, outros assuntos que não tem nada a ver com o que a gente tá discutindo ali, a eu acho que não precisa ter coordenador de produção não, peraí primeiro a gente tá conversando em relação a coordenação dele, depois a gente vai ver se a gente precisa de um coordenador de produção ou não, o que a gente tá conversando aqui nesse momento é se ele tá fazendo o papel dele como coordenador de produção ou não, a reunião foi pra isso, não é pra gente debater se a fulana vai ser ou se a gente precisa ou não, aí começava a dizer: a mas a gente sempre ficou sozinho, a gente ficou um tempão sem coordenador de produção não precisa! Não é isso que a gente tá falando, a gente tá perguntando se ele tá fazendo certo ou não, se ele tá cumprindo com o que tem que ser ou não, sabe? Ou desviam do assunto ou ficam quietos, ih... tem vários que a gente fica assim ó quinze minutos, dez minutos, vinte minutos em silêncio sentados, aí fica um olhando pra cara do outro, um tá cochilando, ficam mexendo no celular, bem assim. Aqui a gente ainda consegue, com tudo isso ainda, é melhor aqui e mesmo assim tem que tá "fala fulano, fala ciclano" não sei, essa aqui é uma não sei, mas acho que a [nome de cooperada] tem medo, não sei, ou não sei se não entende bem, mas eu acho que entende sim, a maioria ou gente que entrou agora, não quer opinar porque não conhece ou então assim ó, coisa que eu odeio, "eu não tenho nada contra fulano" não é se tu é contra ou a favor dele é sobre aquela questão daquele momento ", a, não tenho nada contra ele" ali na reunião, mas ali que o fulano não serve, que o fulano tá se arrastando, que o fulano não sei o que, que o ciclano não sei o que, aí tipo assim ó eu vejo, vamo dizer tem uma irmã trabalhando minha aqui, aí tem uma outra pessoa e aquela pessoa a gente se dá bem, minha irmã também, a gente se dá bem, a minha irmã se arrasta, aquela pessoa também se arrasta, a gente tá vivendo tudo maravilhosamente bem na paz… só que daí aquela outra pessoa faz alguma coisa pra mim, eu me desentendo com ela, a daí eu começo a falar pras outras que aquela ali tá se arrastando, aí eu puxo uma reunião e eu falo, eu tem opinião, aquela ali tá se arrastando, mas a minha irmã ou não precisa nem ser minha irmã, aquela ali que eu tenho, né, a gente é amiga, não aquela ali nunca percebi que ela se arrasta, entendeu? Em várias reuniões a gente faz assim também que eu tenho que interceder e falar: vocês têm que ir pelo negócio certo, não é, e assim ó pessoa tá assim faz um tempão faz horas que vocês tão se conversando! Só que daí justamente a pessoa que, que brigou, que teve o desentendimento com ela, foi a pessoa puxou uma, que pediu uma reunião pra falar que agora, que ela não tá sendo que a gente já viu isso a um tempão e não foi falado antes e sendo que ciclana também ou fulana também fazem a mesma coisa, então vamo fazer assim, vamo cobrar sim, mas vamo cobrar daqueles três, daqueles dois que estão fazendo a mesma coisa que ela, aí é assim que tem que ser, aí se encolhem e falam ai começa aquela coisa que não tem nada contra ela mais e tu fulano o que que tu acha? Aí não sei, ai pra mim tanto faz, ai não sei o que, principalmente quando é alguma coisa contra alguém sabe, mas tipo quando acontecia há dois anos atrás no final do ano, ai vamo deixar de pagar alguma conta e vamo dividir um tanto pra gente, ô ai todo mundo tem opinião, todo mundo quer votar, todo mundo vota, dane-se como é que vai, como a gente vai virar o ano, depois, como é que é que a gente vai fazer pra pagar depois não interessa, vamo fazer isso, vamo entendeu? Aí todo mundo tem opinião, ai vamo... ai vamo organizar um passeio, vamo passar o dia inteiro sem produzir não sei o que, não sei o que, a cooperativa vai pagar tudo ou o projeto vai pagar tudo, vamo, aí se organiza, a gente faz todo mundo da opinião, todo mundo tem coisa pra falar, assim como é

pra sair, depende do lugar, a tem tal coisa pra gente ir, depende do que é ou o lugar que é ninguém quer ir dar uma palestra, falar num colégio, falar em algum lugar, a primeira coisa que perguntam "tem que falar?" Ah, tem que falar, então não quero, não, não precisa falar "onde é que é?" é em Porto Alegre, a, eu quero, "onde é que é?" aí é ali na [outra cooperativa] ah então não quero, a não ser que seja uma festa, uma festa junina, uma coisa assim, aí todo mundo quer ir, entendeu é mais ou menos assim. Salchipão aí é lá na [outra cooperativa] não sei o que, aí dependendo eu quero, não quero, aí é uma formação aí ali no Lasalle às cinco horas da tarde, não aí ninguém pode ir, ah mas é uma festa não sei o que, vai ter não sei, aí todo mundo quer ir, ai eu quero ir, ai vai todo mundo sabe é mais ou menos assim e tem coisa que tem que ter votação ou então a gente faz sorteio, a gente põe o nome de todo mundo que quer ir e faz sorteio quem saiu é quem vai e agora tem coisas que eu tenho que puxar reunião, explicar bem explicadinho o que que é falar da importância que é de participarem pra elas quererem ir porque se não, não vão, não vão. Esses dias foram, acho que foi, no salchipão das gurias lá na [outra cooperativa] porque era um sábado que a gente não trabalhava, isso também acontece muito aqui é um sábado que a gente vai trabalhar e tem um evento naquele dia, a daí todo mundo quer ir, mas daí tem o mesmo evento no sábado que a gente não trabalha que não é nossa escala pode ter certeza vai duas, três... vai duas, três no máximo, quatro pessoas, porque daí não é meu sábado e escala. Foi que nem quando era o salchipão isso mesmo sendo aqui na cooperativa e com pessoas bem diferentes, a maioria das pessoas que estão aqui hoje, não era as que estavam no ano passado na parte da triagem, não era, por mais que tenha as gurias que tão voltando e já teve aos que tinha assim, ó, seis pessoas da cooperativa no salchipão da cooperativa e teve pessoas que ajudaram a gente a limpar, que vieram antes duas, ajudaram a gente a organizar tudo, foram pra casa pra tomar banho e não voltaram mais, e na verdade não queriam participar e aí nesse teve gente que veio me perguntar, veio três, quatro me perguntar se era obrigado a vir, aí eu disse: 'não é obrigado, só que assim, como é um sábado da nossa escala vai ficar como se a gente tivesse trabalhado, vai valer como a escala', porque se tu fala assim ó 'não, não precisa vim, só se tu quiser' faz que, né, não vamo contar como sábado trabalhado, não iam vim"

Portanto, percebe-se que na Cooperativa Renascer, existe uma tentativa de inclusão das cooperadas nas discussões, de envolvimento de todos na gestão, nas combinações e nas resoluções das ladaias, o que se constitui numa tentativa de colocar em prática o modelo de autogestão , pois o jeito de trabalhar busca se aproximar dos moldes da economia solidária, garantindo direito a voz e participação de todas, o que na prática é bastante complexo pois não somos educadas para esse formato de gestão que busca ser participativo e menos hierárquico. Michele entende que *"tem tudo a ver, tem tudo a ver com a economia solidária! É uma coisa que se aceita mais porque na verdade é para ser assim uma cooperativa de verdade, onde se tem voz, onde tu pode falar, aqui tem muita gente que não aproveita, não sabe aproveitar principalmente sobre as reuniões."*

CAPÍTULO 3 - ALGUMAS HISTÓRIAS DE VIDA DE COOPERADAS DA RENASCER[20]

Por entendermos a importância de dar voz e vez às catadoras da cooperativa, apresentamos neste capítulo as memórias de sete cooperadas[21]. São histórias de vida que dizem muito sobre persistência, luta e vontade de viver. São apresentadas neste capítulo as memórias[22] da Michele, Jéssica, D. Sônia, Elisa, Daniela, Débora e da haitiana Milourde.

3.1 Memórias da Michele

> "É muito bom ter um trabalho... ter onde descansar... chegar em casa e ter do que descansar... GRATIDÃO MEU DEUS... às vezes não gosto de ser quem eu sou..., mas quando vejo como a maioria das pessoas são...Agradeço a Deus por ser assim... chata... debochada...às vezes insuportável... convencida...irônica... meio louca...cheia da razão... pois é!! Assim sou eu... MAS sou sincera... espontânea...autêntica...me acho sim, cansei de me sentir menos que os outros... meio louca não... completamente... se achar que tenho razão, argumento até morrer e defendo o que acredito... se gosto de alguém gosto mesmo...se não gosto não escondo isso... mas sou educada... honesta...tenho caráter...tenho fibra...aprendi em casa a ser assim...tiro de mim e dou para os outros..." (Facebook de Michele, 17/06/2020).

Meu nome é Michele Ferreira dos Santos, tenho 34 anos, trabalho há 8 anos na Cooperativa Renascer e atualmente sou coordenadora [da Renascer]. Em 2011 fazia quase cinco anos que eu trabalhava como camareira em um hotel. Com 26 anos, trabalhando na mesma função, sem expectativa de crescer e querendo voltar a estudar, eu decidi sair do meu emprego. Por 3 meses eu recebi o seguro desemprego e então decidi arrumar outro trabalho, mas que não descontasse o INSS para que eu pudesse continuar recebendo o seguro desemprego.

Durante uma conversa com um amigo da minha irmã na minha casa, ele me falou sobre a Renascer. Antes disso, eu não tinha noção do que era uma cooperativa de reciclagem. Na verdade, eu não sabia que existia cooperativa de reciclagem, eu nunca havia me preocupado para onde iria o lixo que você colocava no lado de fora da sua casa. Esse amigo da minha irmã trabalhava na Cooperativa Renascer e disse que falaria com os colegas dele sobre mim. Passando alguns dias esse amigo avisou que eu poderia ir até a cooperativa conversar com grupo sobre o trabalho.

---

20 Salientamos que esta seção é derivada da pesquisa de André Gross que resultou da dissertação intitulada 'Memórias Institucionais da Reciclagem de Resíduos Pós-Consumo em duas Cooperativas da Economia Solidária', requisito para seu título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle no ano de 2016. Em 2015 entrevistadas se dispuseram a dar o seu depoimento a respeito da cooperativa e contar um pouco da trajetória das cooperativas em que trabalham (aqui ficou confuso, de que cooperativa está falando, é da Renascer?. Tais entrevistas forneceram subsídios para que elas pudessem contar a sua visão de como percebem o crescimento e desenvolvimento da sua cooperativa. Para este capítulo, a metodologia utilizada para as entrevistas de D. Sônia, Daniela e Jéssica foi a história oral, a partir da elaboração de um questionário temático embasado na perspectiva de Meihy (2005), com a finalidade de ser utilizado como um roteiro para as entrevistas que foram aplicadas no âmbito da cooperativa. No campo de pesquisa aplicou-se o questionário às entrevistadas, que responderam de acordo como o seu entendimento e percepção dos fatos que foram perguntados. Todas consentiram em gravar a entrevista. Posteriormente ocorreu a transcrição do áudio. As outras entrevistas de Michele, Elisa, Débora e Millurde resultam de entrevistas semiestruturadas realizadas em 2018 e 2019 dentro do projeto da Incubadora Unilasalle.

21 Todas as cooperadas foram convidadas a participar do livro com sua história de vida em 2018 e fizemos com as que se dispuseram. Também utilizamos aquelas já realizadas pelo André Gross em sua dissertação de mestrado.

22 Salientamos que algumas histórias foram transcritas integralmente das entrevistas e outras foram transcriadas, o que quer dizer que as informações foram colocadas em ordem cronológica e realizadas adequações.

No dia combinado, eu esperei junto ao caminhão que entrava na estrada e que levava o resíduo até a cooperativa para fazer a coleta, pois naquela época essa era a única forma de chegar à cooperativa ou a pé. Chegando lá, o grupo se reuniu e votou se aceitava ou não a minha entrada e a de outro rapaz para trabalhar na cooperativa. A maioria não concordou com a minha entrada naquele dia, somente com a do rapaz que tinha ido comigo. Ele começou a trabalhar no mesmo dia e eu voltei para casa.

Mais tarde, esse amigo da minha irmã veio até a minha casa dizendo que o grupo tinha aceitado que eu trabalhasse antes de começar a outra quinzena. Então no outro dia eu fui trabalhar e quando eu cheguei na cooperativa, eu descobri que esse amigo da minha irmã havia mentido que já havia trabalhado em outra cooperativa e que sabia fazer a separação dos materiais. Na verdade, quem havia trabalhado na Cooarlas e sabia separar o material era a minha irmã. Eu nem tinha noção do que era a reciclagem e nem como separar o material.

No dia seguinte, quando fui começar a trabalhar, eu perdi a carona do caminhão da coleta. Então, eu decidi ir a pé mesmo. Só que eu não fazia ideia de como chegar à cooperativa, pois havia ido apenas duas vezes e no baú do caminhão onde não se enxergava quase nada. Eu tinha noção do tempo de ida pelo caminhão e que a estrada era cheia de árvores. Era apenas isso que eu havia gravado. Mas decidi ir mesmo assim, perguntando para as pessoas e ninguém sabia que existia a Renascer. A cooperativa era ao lado do aterro sanitário e a caminhada era de três quilômetros em meio à estrada de chão e mato de eucalipto. A mata de eucalipto eu lembrava pelo cheiro que senti dentro do baú do caminhão. Eu fui procurando, procurando até que eu cheguei em uma estrada e reconheci algumas coisas. A estrada parecia não ter fim, mas achei, cheguei no horário e fui trabalhar.

No começo, o trabalho na Cooperativa era nas mesas de madeira e o galpão só tinha o telhado. Os banheiros eram de container doado pela prefeitura. O trabalho era a céu aberto porque o galpão era tomado pelo lixo.

Nos primeiros meses em que eu trabalhei lá era no sol ou na chuva. A gente parava às vezes para descansar na sombra e beber uma água quando estava muito quente. Se o galpão estava limpo, conseguíamos ficar embaixo do telhado, protegidas. Para entrar no galpão, precisávamos vencer o lixo que estava lá e triar tudo. Quando chovia, ficávamos debaixo do telhado, mas a água vinha até o joelho. A cooperativa ficava abaixo do aterro, a água descia das montanhas de lixo com a chuva e formava um lago, bem onde a gente trabalhava. Era muito complicado trabalhar naquela época. Os EPIs[23] que ganhávamos eram os achados na coleta ou de algum projeto.

Apesar de todas as dificuldades, algo me fez gostar de trabalhar na cooperativa. Comecei a pesquisar sobre cooperativismo, como se organizava, como faziam a gestão e também, como eram as relações. Gostei do modelo e fui ficando além dos três meses que eu havia me organizado para receber o seguro desemprego. No mesmo mês que eu entrei na Renascer, ela deixou de ser associação e se tornou cooperativa para assumir um contrato com a Prefeitura de coleta seletiva. Em 2011, elas foram obrigadas a fazer esta transição para terem os contratos nos seus nomes, já que recebiam pelas outras cooperativas, era quase um serviço terceirizado.

Dois meses depois que eu entrei na cooperativa, os coordenadores me chamaram e convidaram para ser secretária. Eu perguntei o que eu precisava fazer para ser secretária. Eles me explicaram que deveria acompanhar algumas reuniões e também fazer as atas das reuniões que aconteciam na cooperativa. A pessoa que era a secretária não estava mais na cooperativa e pelo novo contato, eles precisavam de alguém que

23 Equipamentos de proteção individual.

assumisse este cargo. Eles me indicaram porque eu tinha ensino médio completo. Eu aceitei. Mas eles disseram que tinha que ter concorrência.

Passados três meses, meu nome não tinha sido colocado ainda na ata como coordenadora na secretaria, uma das outras coordenadoras trouxe uma sobrinha dela para trabalhar na cooperativa. Essa sobrinha dela seria minha concorrente para que os cooperados tivessem escolha de voto. Fomos testadas por um mês. Eu ia mais nas reuniões externas, eles me mandavam naquelas que não interessava eles, enquanto quem fazia as coisas de secretaria mesmo era sobrinha da coordenadora. Em algumas reuniões, eu não tinha nem passagem, não sabia como chegar até lá, mas eu arrumava dinheiro emprestado e ia perguntando o nome do lugar, onde era e acabava chegando em todas as reuniões. Fui conhecendo os lugares, as pessoas e os assuntos. Cada encontro que eu participei foi muito importante para minha formação, aprendi muito.

Na assembleia, foi realizada a votação para saber qual das duas seria a secretária. Eu acabei ganhando e me tornando a secretária. A sobrinha da coordenadora nem poderia ter concorrido, pois era parente da coordenação. Não poderia na verdade parentesco nem de primeiro, nem de segundo grau para fazer parte.

Eu aprendi muita coisa desde que eu entrei na cooperativa, inclusive o curso que eu escolhi para fazer na Ulbra pelo PROUNI em 2013 foi de secretariado. Eu era coordenadora de secretaria e eu optei por fazer esse curso, pois a partir dele eu consegui arrumar melhor a parte da documentação da cooperativa. Logo depois de entrar na cooperativa eu fiz um curso de informática, pois eu já havia feito, mas quando eu tinha 18 anos. E eu falo para as gurias, não é uma coisa que tem que saber, mas faz diferença porque a gente precisa saber, já que nos comunicamos com a Prefeitura.

Eu sempre chamo o grupo para auxiliar nas decisões, pois eu aprendi o que era uma cooperativa quando eu entrei na Renascer e também através das formações em que participei. O grupo se reúne e decidimos juntos, muitas vezes isso não funcionava, o que fazia a gente bater o pé e brigar bastante nas reuniões, o que fazia ter bastante "ladaia" porque era sempre às mesmas pessoas que participavam e davam sua opinião. E aqui na cooperativa é assim, é o grupo que decide tudo, mesmo que possa dar tudo errado e a decisão ser equivocada.

Antigamente, a cooperativa tinha muito mais gente quando era lá embaixo (no aterro), e aqui a gente tem menos pessoas, e nós queríamos fazer as coisas do jeito mais justo possível onde todo mundo votasse e todo mundo decidisse, mas como tinha muitas pessoas que eram de uma mesma família, nós nunca conseguimos ganhar.

Na Renascer tem muitas reuniões, e muitas delas são por causa das "ladaias", mas eu percebo que isso está mudando um pouquinho, mas eles se baseiam muito em mim, pois quando eu preciso ficar fora por conta de alguma formação, por exemplo, quando eu volto tem muita coisa que aconteceu, e que eles esperam eu chegar para resolver, sendo que nunca teve apenas eu de coordenadora. E eles sabem que eles têm liberdade para resolver as coisas, e então eu peço que eles resolvam ou façam uma reunião para decidir, mas na reunião eles dizem: "ah, tá tudo bem".

Eu fazia muitas reuniões e os outros não participavam, o que me fazia ficar sozinha, pois até mesmo a pessoa que me contava o problema não se pronunciava, e acaba que eu sempre ficava sozinha na reunião, e as pessoas ficavam paradas me olhando. Mas há alguns meses eu venho tentando mudar isso, porque não é porque sou coordenadora que tenho que decidir tudo, então me mantenho neutra para que não aconteça de só votar naquilo porque aquela é a minha opinião, e então deixo acontecer.

Aqui na cooperativa as pessoas acabam se equivocando na hora das decisões por todos decidirem, e quando eu argumento sobre a decisão, eles querem voltar atrás e eu digo que não, porque eu apenas dou a

minha opinião para que eles reflitam para que não façam da mesma forma na próxima vez. Mas eles acabam fazendo sempre da mesma forma, por pensarem apenas no agora e não no que está por vir.

O grupo assume a sua autonomia, apenas quando é algo que convém, que traz benefícios a eles, mas quando é uma "bomba" como eles dizem, quando é uma coisa mais séria aí é a coordenação que decide. Se eu reconheço que é algo que pode favorecer o grupo eu peço que eles decidam.

Eu vou ser bem sincera, o dia que eu sair da Cooperativa Renascer eu não irei trabalhar em nenhuma outra cooperativa porque o nosso sistema, apesar de tudo que acontece, quando o grupo quer, ele se une para fazer uma coisa boa ou que acarrete no nosso crescimento, o grupo se une e faz. Mas ultimamente eu noto que o grupo está muito desmotivado, mas eles são um grupo forte e são pessoas que trabalham. Mas são poucos os que se motivam em trabalhar e que mostram interesse em fazer a frente e aprender mais.

3.2 Memórias da Jéssica

Meu nome é Jéssica,[24] tenho 25 anos e trabalho como coordenadora suplente de administração, como gestora da coleta seletiva. Entrei para a Cooperativa Renascer em 20 de maio de 2011. Como na época eu era menor de idade, não podia trabalhar em emprego formal. Eu já tinha experiência cuidando de crianças e fazendo faxina, desde os treze anos, quando parei de estudar, na 7ª série. Então, na reciclagem, considero que foi o meu primeiro trabalho.

Eu já ouvia sobre a cooperativa porque a Dona Sônia morava perto da minha casa, mas foi minha amiga, Franciele, que me trouxe pra cá. Naquele tempo ainda era uma associação, então mesmo sendo menor de idade me aceitaram. Comecei a trabalhar aqui, aos 17 anos, triando e separando os materiais. Precisei vir pra cá porque minha filha nasceu, então tive que me virar para sustentar ela porque não tinha a ajuda de mais ninguém. E depois de um mês que eu estava trabalhando na cooperativa conheci meu marido na reciclagem, estamos há nove anos juntos e tivemos um filho. Então tenho dois filhos, a Manuela tem 9 e o Fernando tem 7 anos.

Quando eu cheguei aqui, no primeiro momento, eu levei um susto, porque tinha uma montanha de lixo e EU imaginava outra coisa, como um galpão. Era aqui dentro do galpão e mais um campo. Eu tinha vários conhecidos que já trabalhavam com reciclagem e influenciada por eles vim parar aqui. Apesar de que não temos muitas das vantagens trabalhistas de um emprego com carteira assinada, pagamos o nosso INSS e o trabalho é próximo de casa. Além disso, o tipo de trabalho é bom e ajuda o meio ambiente, por isso gosto daqui.

Em 2011, trabalhávamos no primeiro galpão que foi construído ainda na área do aterro sanitário, que estava situado num buraco, ele era apenas coberto, mas nas laterais era aberto, quando chovia, molhava tudo. Por estar situado numa espécie de buraco, acumulava água da chuva e chorume, que muitas vezes chegava à altura do joelho. Sempre que isso acontecia, precisávamos chamar os operadores das retroescavadeiras para abrir valetas no chão, de forma que a água pudesse escorrer.

Era horrível, pois era um amontoado de lixo, muitas vezes nem dava para trabalhar dentro do galpão em função do acúmulo de lixo, por isso íamos para a área descoberta, fustigados pelo sol, chuva. A seleção precisava ser executada agachada no chão. Não tinha um banheiro decente para poder ser utilizado. A gente

24 Em 2015, época que André Gross entrevistou Jéssica, ela trabalhava como coordenadora suplente de administração da cooperativa e participou de três etapas de desenvolvimento da Renascer que são, o tempo do Galpão coberto, a Associação e a Cooperativa atual. Esta entrevista também foi transcriada por André Gross e realizadas atualizações posteriores.

sentava num bag, sentava num fardo, no chão, sentava no meio do lixo para comer. A gente comia com os ratos olhando do lado da gente. Trabalhei por três anos nessas condições.

Nesse período ainda éramos associação e, no mês de agosto de 2011 passamos a ser cooperativa. Ainda em 2010 se iniciou o contrato com a Prefeitura para coleta seletiva. Aprendi muitas coisas com o curso de formação que fizemos. A incubadora do Tecnosocial do La Salle que nos dava assistência nessa fase de transição entre associação e cooperativa, principalmente com as questões mais burocráticas, como o INSS, o regimento interno e o nosso estatuto. Conseguimos mudanças bastante positivas nessa trajetória. Hoje, até uma linha de ônibus nos atende agora nos horários de entrada e saída.

Construímos esse novo galpão, onde o pessoal está trabalhando até agora. Montamos também uma cozinha, através de um projeto que ganhamos. As condições melhoraram muito com relação ao galpão antigo, pois este galpão é coberto e fechado dos lados, ou seja, independente da chuva, trabalhamos sempre no seco, não precisamos nos molhar mais. As madeiras foram doadas pela Prefeitura, um pouco do material nós compramos, outra parte veio do projeto e conseguimos ter um local bom agora para exercermos nossas atividades e também para fazermos nossas refeições. No período do galpão antigo, cada um pegava o seu prato e ia para meio do mato fazer a sua refeição. Eu fico pensando "a Dona Sônia e Sr. Adair, olha quanto tempo eles passaram em sol e chuva, eu estou chegando agora, mas bah, fico olhando para a história deles, são uns guerreiros".

Trabalhar aqui era muito bom, desde quando comecei. Todo dia de manhã a gente chegava, ia para a esteira trabalhar e, ao mesmo, compartilhar histórias de vida. Coisas boas e coisas ruins. A gente tentava sempre se ajudar e se apoiar, mas, no começo, eu sentia que as pessoas tentavam derrubar umas as outras, principalmente as que mais faziam pela cooperativa. Já passei por muitas injustiças aqui dentro, tinha muita ladaia, mas quem tava aqui só para prejudicar os outros sempre acabou saindo.

O Seu Francisco sempre ajudou muito a gente nisso, principalmente na parte espiritual. Às vezes a gente chegava aqui e tava todo mundo brigando, discutindo, e ele fazia uma oração e depois mandava todo mundo se abraçar. Ele também foi importante pra ajudar a tirar a cooperativa do buraco, lá em 2014. Através do Projeto Compartilhar, a cooperativa conseguiu se reerguer e ter mais visibilidade. Agora, depois de participar desse projeto e de frequentar as palestras, somos reconhecidos até fora do Brasil.

Hoje eu tô em novo ramo e atuo como gestora do itinerário da coleta seletiva da Renascer e de outra cooperativa. Eu pretendo continuar, porque é uma coisa que eu gosto. Antes eu me envolvia bastante também com a parte da coleta e da manutenção do caminhão. Hoje cuido das equipes e dos mapas para a coleta. Agora, com a ampliação dos bairros, teremos uma equipe e mais um caminhão. Esse trabalho tem muitos desafios, mas como é algo que eu gosto, pra mim tá sendo muito bom.

3.3 Memórias da D. Sônia[25]

Meu nome é Sônia,[26] trabalho como coordenadora de produção. Não lembro exatamente dia e mês

25 Salientamos que esta entrevista foi realizada em 2015 por André Gross, e que os dados se referem àquele período. Esta entrevista passou pelo processo de transcriação, realizada pelo mestre André Gross, que a cedeu para este livro, o qual agradecemos. Segundo Gross (2016, p. 65) para o processo de "transcriação, as entrevistas foram reorganizadas em ordem lógica e cronológica, resultando num relato de vida dos entrevistados".

26 D. Sônia, a mais antiga cooperada da Cooperativa Renascer, pertence ao grupo da Renascer desde o ano de 1986 (ano de grande recessão econômica). Elalembra muito bem de acontecimentos, desde o período em que o grupo trabalhava no

em que comecei a trabalhar com a reciclagem, mas lembro que foi no ano de 1986, devido a uma grave crise econômica. Muitos dos primeiros integrantes da coleta individual entraram para esse ramo de trabalho, devido a recessão do mercado de trabalho. Antes de vir para o aterro, eu trabalhava em serviços gerais em um hotel.

No início existia um aterro sanitário, também conhecido como lixão de Canoas. Essa fase do aterro sanitário foi bem complicada para os trabalhadores, pois não existia nenhum tipo de estrutura física para que eles pudessem trabalhar de maneira adequada. Iniciei trabalhando no aterro sanitário, criei meus oito filhos trabalhando neste local, a céu aberto, trabalho ao ar livre, por isso eram maltratados pelo sol, outras vezes pela chuva, barro, sujeira, animais, quando chovia, os pés afundavam no lodo e nas poças de água. Muitos anos se seguiram nessas condições.

A coleta se dava diretamente nos montes de lixo, disputando local com máquinas, arriscando sofrer alguma forma de acidente, pois no intervalo entre uma movimentação e outra das máquinas a gente se lançava à cata de algum material que fosse reaproveitável. Os caminhões largavam tudo misturado, lixo orgânico, lixo seco, animais mortos, material elétrico e eletrônico, etc.

A cooperativa foi formada muitos anos depois. Já havia trabalhado em outras funções como limpeza em hotel, casas de família, mas essa crise fechou portas de emprego em todos os setores da economia, por isso comecei catando material no aterro e vendendo para os "atravessadores" que vinham comprar aqui no aterro para revender para as empresas recicladoras. Esse era um trabalho individual, embora houvesse muitas pessoas trabalhando, cada um negociava o material que conseguia com esses atravessadores. Usávamos luvas e botas, pegava o material que achava e vendia para os caminhões que apareciam aqui em busca de produtos que pudessem ser recicláveis. Desse período que se refere ao aterro sanitário, apenas duas pessoas permanecem até hoje, eu e mais dois, todos os outros acabaram saindo em algum momento.

O primeiro galpão que nós tivemos, era dentro da área do aterro sanitário. Era um galpão apenas com uma cobertura, mas nas laterais não tinha nenhuma proteção. Com a construção deste galpão, já não podíamos mais subir nos montes de lixo do aterro sanitário, contávamos agora com o material que era trazido pela Prefeitura. A Prefeitura pegava material dos containers que ficavam na rua, dos catadores individuais e trazia para nós classificarmos.

Buscando uma nova forma de organização, foi fundada a Associação no aterro sanitário. Durante esse período, não existia maquinário como esteira, o trabalho era agachado no chão, enchendo os "bags" [que eram grandes embalagens para armazenamento de materiais para reciclagem]. A Associação foi fundada com vinte seis pessoas. É que nesse período tinha dois grupos de trabalho, um grupo formado por trabalhadores que vinham do bairro Mathias Velho que ficaram com o turno do dia, e o nosso grupo que trabalhava no turno da noite. Mas com a formação da Associação, o grupo que vinha da Mathias Velho acabou desistindo.

A cooperativa surgiu em função de um projeto da Prefeitura que destinava caminhões para a coleta seletiva de resíduos sólidos de Canoas, além de uma verba também da Prefeitura. Mas para receber esses benefícios era necessário estarmos organizados em forma de cooperativa, não podia ser associação. Depois que nos tornamos cooperativa, melhorou bastante, começamos a adquirir maquinário para auxiliar no trabalho, mas ainda as condições de trabalho não eram boas, porque o galpão de reciclagem ficava no aterro. Às vezes, a gente trabalhava com água até os joelhos. Como não tinha paredes, ficávamos expostos ao vento e à chuva,

---

aterro sanitário, descreve com propriedade todas as fases que o grupo passou. Relata o trabalho em um antigo galpão que era aberto dos lados, quando ainda eram uma associação até que se tornaram uma cooperativa. Salientamos também que a D. Sônia continua trabalhando na Renascer e que faz parte de outros capítulos deste livro.

trabalhando com o material todo molhado. Era muito trabalhoso, tinha que carrega o caminhão no muque, não tinha elevador, não tinha nada. A gente só tinha a prensa que ganhamos participando de um projeto.

Esse galpão em que estamos hoje, quando saímos do aterro e conseguimos um lugar fechado, já tem oito anos. Eu fiquei na cooperativa porque na época em que eu vim para o aterro, por conta da crise econômica, estava muito difícil conseguir um emprego. Conforme o tempo foi passando e eu ficando aqui, comecei a ficar boa no trabalho. Eu fui gostando do que eu fazia, nunca pensei em sair.

Nesse tempo, acompanhei várias gestões na cooperativa. A coordenação atual é a melhor, porque tem uma visão mais aberta sobre tudo o que acontece aqui dentro. Sempre surgem alguns desafios a que a gente tem que lidar no nosso trabalho. A nossa esteira, por exemplo, já está parada há bastante tempo, então temos muitas mais coisas para fazer, mas é claro a gente faz e dá o que pode para se manter.

3.4 Memórias de Elisa[27]

Meu nome é Elisângela Pereira de Souza. Elisa, para os íntimos e para os muito íntimos Sanja. Tenho 38 anos e minha história com a Renascer começou em 2011 quando, por indicação de minhas primas, fui até lá. Até então eu catava na rua e não fazia ideia do que era uma cooperativa. A gente trabalhava no antigo galpão junto ao aterro. Em dias de chuva o trabalho era dentro d'água e no verão muitas trabalhavam no sol. A gente ia e voltava a pé pela estrada de chão de 4 km da beira da faixa até a cooperativa. Eu levava uma hora e dez minutos pra chegar até a Renascer. Ficava muito feliz quando recebia uma carona. Quando entrei, fazia apenas um ano que a cooperativa havia deixado de ser associação e assinado o contrato com a Prefeitura para realizar o trabalho de coleta seletiva na cidade.

Na cooperativa, além de me ensinarem a separar o lixo, me aproximou de Deus. Isso aconteceu graças ao devocional realizado até hoje pelo seu Francisco da Igreja Luterana. Em 2016, participei de reuniões no Fórum dos Recicladores do Vale dos Sinos como também de intercâmbios onde tive a oportunidade de conhecer a Cooperfeitoria, em São Leopoldo, a Coolabore, em Novo Hamburgo e a Cooperativa de Dois Irmãos. Também neste ano de 2016 participei do curso de informática e oratória para mulheres oferecido pelo Instituto Federal de Porto Alegre.

Em 2017 iniciei minha participação em algumas reuniões do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Foram realizadas algumas formações pela Avesol e por lideranças do MNCR. Neste mesmo ano, participei da Expocatadores em Brasília, evento que reúne catadores de todo país. Em 2018 veio a última formação para as mulheres, o projeto "A Voz das Catadoras" realizado pela Apoena Socioambiental na Universidade La Salle.

Tenho lembranças de todos nós carregando telhas, madeiras para a construção do novo galpão. Foi uma luta como todos os outros dias. Dentro da cooperativa, aprendi muito convivendo com as colegas e durante as formações. Hoje eu separo o lixo e também sei do valor de um catador na sociedade. Dentro da Renascer, sempre fui acolhida e tive apoio necessário. Eu sou grata a Renascer por tudo. Foram seis anos, hoje não estou mais, mas ainda me considero parte dela, afinal ela foi e é de grande importância em minha vida, me ajudou no sustento de minha família, me ensinou a ser forte.

A história da Renascer é inspiração para novas histórias, pois é a trajetória de uma cooperativa que

27 Texto elaborado pela própria catadora em setembro de 2019 e revisado posteriormente.

saiu lá do aterro onde os catadores catavam no meio do lixo misturado, cada um pra si, sozinhos. Ela foi crescendo, ganhando espaço, prensas, esteiras, balanças, o galpão, junto a projetos e hoje tá aí, sendo exemplo. Ela pode crescer ainda mais, pois tem potencial pra isso. Muito mais famílias passarão por lá e eu tenho orgulho de ter feito parte dessa história.

3.5 Memórias da Daniela

Me chamo Daniela,[28] tenho quarenta anos e estou em diversas frentes de trabalho, como: prensa, triagem, coletas, reuniões externas. Meu primeiro contato com reciclagem é do tempo que funcionava aqui o aterro sanitário, ou seja, desde a época em que cada um catava sozinho. Atualmente voltei para a cooperativa fazem sete meses, mas já tive outras idas e vindas, ao longo desses anos, mais ou menos vinte dois anos.

Quando comecei, estava grávida da minha filha, era mãe solteira e essa era uma fonte de renda familiar. Fiquei sabendo que o pessoal do ferro velho vinha comprar material no aterro, era a forma que eu tinha de ganhar dinheiro naquela época. A gente escondia o material no mato até que o comprador viesse. Naquela época não tinha mulheres trabalhando junto com os homens, a Dona Sema e a Dona Sônia, foram as primeiras. A cooperada Sônia teve abertura porque tinha muitos filhos, era jovem, conseguia correr, subir nos montes de lixo, mas, logo no início, quando fui pedir para trabalhar no aterro, a resposta foi negativa. Até hoje tem alguns homens daquele período, de quando viramos associação, que não concordam com o trabalho feminino na reciclagem, mas a maioria são mulheres na cooperativa hoje.

Entre os intervalos em que eu saia da cooperativa, trabalhei como diarista, serviços gerais, cozinheira, participei também de uma outra cooperativa do município de Canoas. Como eu tinha filhos pequenos, não era fácil ter um emprego, pois eu precisava cuidar deles. Aqui na Renascer, eu tenho uma certa liberdade para resolver alguns problemas familiares, que em outros lugares eu não tinha. E outra coisa, a Cooperativa, desde o tempo de associação, é para as mulheres, que tem filhos pequenos uma boa, porque quando precisamos ir na escola, se ligarem agora pedindo para ir na escola buscar o teu filho, tu tem esse livre acesso de sair para atender teus filhos.

Quando a Renascer virou associação, eu estava trabalhando em outra cooperativa, mas o material saia daqui para ser prensado nessa outra cooperativa, que havia emprestado um espaço lá para facilitar o trabalho. Mesmos sem querer eu tava participando dessas mudanças. Quando voltei, depois de ficar um tempo afastada, a cooperativa já estava formada e estou desde esse dia.

Minha família briga bastante comigo por trabalhar aqui, perguntando porque aos quarenta anos eu não tenho um emprego de carteira assinada. Eles não entendem quando eu digo que trabalhar aqui é bom pra mim e que eu gosto do que faço. Não adianta trocar de trabalho e ir para um lugar que eu não vou gostar. Não quero trabalhar forçada. Além disso, trabalhar na Renascer é muito bom para as mulheres que têm filhos, desde o tempo em que éramos associação, porque temos total flexibilidade para sair e atender nossos filhos.

Aqui, também, é tudo decidido em grupo. A gente sempre tenta se ajudar, mas é progresso. Se falta alguém para alguma atividade, a gente se reorganiza e supre essa falta. Não existe posição certa para as pessoas aqui na Cooperativa, embora algumas pensem que sim. Esse é um dos maiores desafios, porque se

28 A entrevista de Daniela foi realizada em 2015 e também foi transcriada por André Gross. Gross (2016, p. 14) salienta "que entre idas e vindas Daniela participou de todas as etapas que o grupo passou, mas mesmo não tendo cargo de gestão, sabe trabalhar em todas as funções na cooperativa e com todos os tipos de materiais"

a gente pede pra uma pessoa trocar de posto, ela já acha que está sendo mandada. A gente é desorganizado, entende? E, assim, às vezes as pessoas não gostam de ouvir a verdade.

Outra questão importante aqui são as brigas e as discussões, porque é difícil manter a ordem de tudo sempre com tantas pessoas trabalhando em regime de cooperativa. Por mais que a gente tente pedir pelo respeito e pela educação, às vezes não funciona e precisamos pedir pra um ou outro ficar uns três dias em casa descansando.

O alcoolismo também já gerou algumas brigas na cooperativa, já tivemos duas pessoas com esse problema aqui e, hoje, não entra na Renascer pra trabalhar tendo usado álcool ou qualquer outra droga, e nem tendo roubado. Sempre que entra alguém novo, já entra ciente disso. A gente ensina o trabalho e deixa em experiência por doze dias. Aí, a gente observa tudo, inclusive o comportamento, pra ver se vai dar certo ou se não vai.

Algumas vezes eu já pensei em largar a cooperativa e procurar outro trabalho. Até já saí algumas vezes no passado, principalmente por conta desses desentendimentos e da opinião das pessoas pelo fato de eu trabalhar aqui, e ia atrás de faxina, de outras coisas pra fazer e me sustentar. Hoje, já não penso mais em sair daqui. A Renascer virou a minha família.

3.6 Memórias da Débora

Meu nome é Débora Arielle Lopes da Silva, tenho 20 anos e uma filha de 1 ano e 5 meses. Antes de trabalhar aqui na cooperativa Renascer, eu fazia um curso de auxiliar de soldador no SENAI, que comecei quando eu tinha 16 anos. Como engravidei logo em seguida, e minha gravidez era de risco, precisei interromper o curso, já que eu puxava ferro e mexia com solda, e não concluí a segunda etapa. Fora isso, tive algumas questões familiares bem difíceis também, além do nascimento da minha filha, que me impediram de seguir com o curso naquela época.

Depois que minha filha nasceu, eu tinha a opção de seguir com as atividades na solda, mas eu não queria mais. Até era uma coisa que eu gostava de fazer, mas não queria isso pra minha vida, queria algo diferente. Então, como eu recebia uma remuneração pra fazer o curso, comecei a correr atrás de um advogado para conseguir o auxílio maternidade. O advogado acabou perdendo os meus documentos e eu não tinha pra refazer. Minha filha nasceu em junho e eu comecei a trabalhar aqui em janeiro.

Eu já trabalhei também cuidando de crianças, porque nessa época eu era menor de idade. Quando eu perdi o curso, perdi tudo, mas ganhei minha filha e vim pra cá. Eu já conhecia a Renascer por conta da minha mãe, ela também trabalha aqui na cooperativa desde 2013. No início, eu iria trabalhar aqui só até eu me estabilizar para cuidar da minha filha, mas estou até hoje. Eu sempre falo que vou sair, mas me acostumei e vou ficando mesmo tendo que lidar com o preconceito das pessoas.

Em geral, elas não entendem o porquê de eu trabalhar aqui mesmo tendo ensino médio completo. As pessoas não entendem que é uma escolha minha ficar aqui por enquanto. Ainda assim, não pretendo ficar trabalhando aqui o resto da minha vida. Eu vejo o exemplo da Michele, por exemplo, que disse que veio trabalhar na cooperativa somente para receber o seguro, e já está aqui há oito anos. No próximo ano eu já pretendo procurar outro emprego.

3.7 Memórias da Milourde Versailles

Meu nome é Milourde Versailles, sou cidadã do Haiti, casada, mãe de dois filhos: um de 8 anos e outro de 5 anos de idade. Quando o meu filho mais velho estava com 3 anos de idade eu saí do meu país para conseguir ajudar tanto minha família, quanto meu filho, pois devido às muitas manifestações políticas e pouco serviço tive que sair do Haiti.

No ano de 2014 o meu esposo veio ao Brasil para trabalhar e em 2016 eu fui para o Chile com ele, onde permanecemos por 2 anos. Porém por questões de saúde resolvemos vir para o Brasil, onde estamos desde então.

Estou há 11 meses trabalhando na cooperativa, sendo esta a minha primeira experiência na reciclagem. Cooperativa esta que conheci através de uma amiga, a qual mora na minha rua e trabalhava aqui há 3 meses. Foi quando pedi para que ela falasse para a coordenadora que eu não tinha serviço e se teria como me ajudar. Então, após trabalhar por uma semana a coordenadora perguntou aos demais cooperados se eles concordavam que eu trabalhasse aqui, e como todos aceitaram estou na cooperativa desde então.

Eu trabalho na cozinha, e eu gosto porque para mim todo serviço é uma forma de liberdade e de conseguir viver melhor, além de poder ajudar minha família, filhos, irmãos e pais que estão no Haiti. Todos os meses eu mando dinheiro para ajudar nas despesas e para pagar a escola do meu filho, pois é tudo muito caro. Aqui é muito bom, por isso venho trabalhar, porém só até conseguir um emprego de carteira assinada.

CAPÍTULO 4 - PROJETOS, CONQUISTAS E ARTICULAÇÕES POLÍTICAS DA RENASCER

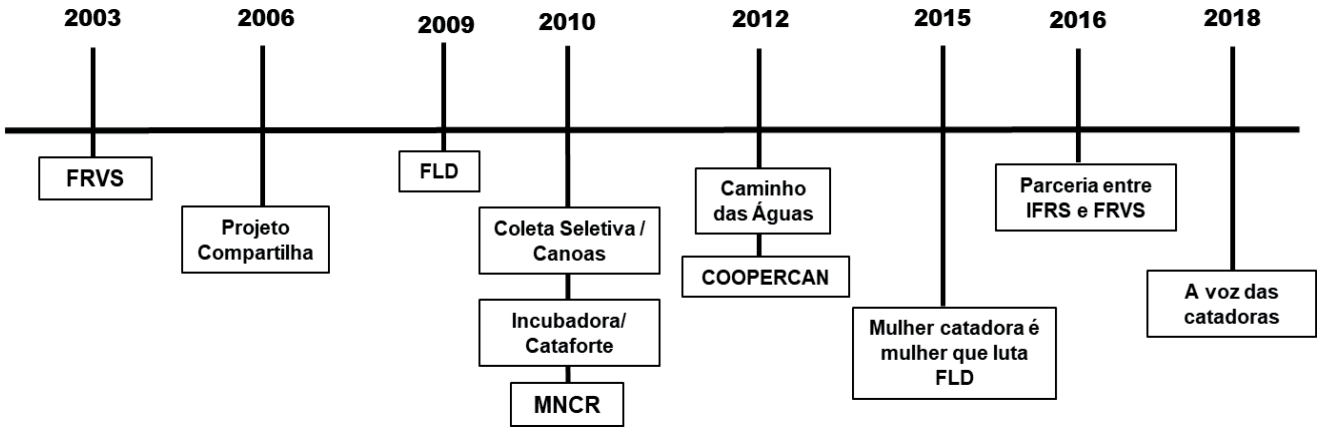
O objetivo deste capítulo é o de apresentar os projetos, conquistas e articulações políticas que perpassam a memória dos catadores e catadoras da Cooperativa Renascer. As cooperadas D. Sônia e Michele relatam parte desta trajetória:

"Aqui não tinha nada, na época não tinha nada. Muitos nem sabiam que tinha nós aqui, que existia o aterro sanitário. Foram começar a conhecer depois que o seu Francisco [do projeto Compartilha] começou a fazer parte das reuniões com nós – Sônia.

O primeiro projeto foi o Compartilha, ele não trouxe bens materiais e estrutura sabe. Mas eu vou te dizer assim, eu acho que é um dos mais importantes que a cooperativa conquistou, porque ele existe até hoje. Desde que eu estou, lembro que tiveram outros [projetos] que eles ganharam a prensa, galpão, formações. Quando eu cheguei, foi do galpão, que a princípio era para ser só a esteira e a cozinha. Depois tiraram a gente lá do buraco [aterro], a Roseli, ajudou lá com o material, a fazer a conversa com a Prefeitura pra consegui outras coisas porque o projeto era de pouco valor. Conseguiram fazer parte do galpão e a cozinha, por isso o banheiro ficou para trás. Com isso, saímos de lá [aterro]. Com o projeto Caminho das Águas, ganhamos o galpão, a esteira e a balança. Além desse projeto, a Universidade La Salle nos incubou e acompanhou até virarmos a central [COOPERCAN]. Teve o Cataforte que a cooperativa participou do I, do II e do III com o apoio da Incubadora. Depois tem aquele que as gurias fizeram o curso de informática e o intercâmbio pelo fórum [FRVS]. Teve um projeto que as gurias fizeram e aprenderam a montar e desmontar eletroeletrônico, era ainda da COOPERCAN. Depois, eu lembro de um que a gente participou desse das mulheres, "mulher catadora é mulher que luta" da "FLD". E por último "A Voz das Catadoras". Que eu me lembre são esses! – Michele.

Inspiradas na fala das catadoras, a Figura 3 apresenta a linha do tempo de suas memórias e também foram sendo confirmadas com as demais integrantes do grupo:

Figura 5: Linha do tempo dos projetos da Renascer



Fonte: Elaborado a partir das entrevistas.

A partir da linha do tempo, serão apresentados breves resumos dos projetos, conquistas e ações realizadas pela Renascer entre os anos de 2003 a 2018.

4.1 O Fórum dos Recicladores do Vale dos Sinos (FRVS)

A Cooperativa Renascer tem presente em sua trajetória a participação em espaços coletivos voltados para a reflexão, a luta e a organização do trabalho dos catadores e catadoras de materiais recicláveis. No Vale dos Sinos, área que pertence a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) (Figura 4), em 2002 inicia-a a primeira articulação dos empreendimentos da economia solidária (EES), o Fórum Regional de Economia Solidária. Os catadores participantes deste movimento, compreendendo a importância de construção de espaços coletivos, organizam o Fórum dos Recicladores do Vale dos Sinos (FRVS), entidade representativa que promove a união das associações e cooperativas da região, reestruturando as relações de produção com princípios de solidariedade e colaboração (PASQUALETO, 2018).

A Renascer inicia a sua participação no FRVS em 2003, durante as primeiras articulações e estruturação política dentro dos preceitos de compreender o associativismo, o cooperativismo, a Economia Solidária e a importância da junção dos trabalhadores e trabalhadoras para fortalecimento dos movimentos sociais.

Figura 6: Vale do Rio dos Sinos e Região Metropolitana de Porto Alegre

Fonte: IHU (2017).

Durante sua formação inicial, o FRVS era composto por 14 municípios, porém oito deles tiveram maior participação nos últimos anos: Canoas, Esteio, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Dois Irmãos, Sapiranga e Nova Hartz. Na Figura 4, as cidades marcadas em amarelo são as mais atuantes no FRVS. Nos 17 anos de atuação, 17 associações e cooperativas de coleta e triagem de resíduos sólidos estiveram presentes nos encontros, são elas:

Quadro 2 - Cidades, Associações e Cooperativas que compõem o FRVS.

Nº	Cidade	Associações e Cooperativas
1	Dois Irmãos	Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos
2	Sapiranga	Cooperativa Popular de Reciclagem Reciclando Vidas Unidos Venceremos – COOPREVIVE
3	Campo Bom	Coolabore de Campo Bom
4	Novo Hamburgo	Coolabore Centro/Novo Hamburgo, Coolabore Roselândia/Novo Hamburgo
5	São Leopoldo	Associação de Recicladores Nova Conquista, Cooperativa Univale, Cooperfeitoria, Cooperva-le, Coopervitória
6	Esteio	Cootre
7	Canoas	Coopcamate, Cooarlas, Coopermag, Cooperativa Renascer, Cooperativa Mãos Dadas, Cooper-can

Fonte: Elaborado a partir de Pasqualeto (2018).

O FRVS promove encontros mensais, sempre no último sábado de cada mês. Esta tradição, que persiste até os dias atuais, mas com um pouco menos de força porque ao longo dos anos foram sendo criadas articulações municipais e as demandas foram crescendo. Inicialmente o FRVS tinha como sede o Círculo Operário Leopoldense, em 2014, os encontros passam a ser realizados na Antiga Sede da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O Fórum tem uma coordenação composta por quatro membros, um de cada cooperativa ou associação, que se encontram nas segundas terças de cada mês para pensar a pauta, organizar as ações e mobilizar os demais empreendimentos. No levantamento realizado em 2013, 406 catadores haviam participado dos encontros, sendo, deste total, 210 mulheres e 196 homens (PASQUALETO, 2018).

Figura 7 - Encontros do FRVS na Antiga Sede da Unisinos, Centro de São Leopoldo/RS

Fonte: FRVS.

Os encontros apresentam uma pauta pré-estabelecida, com demandas principais dos empreendimentos e espaço formativo com capacitações, palestras e momentos de confraternização. O Fórum tem um papel importante de força coletiva na região buscando reivindicar pautas comuns como a resistência à incineração, pois defendem a educação ambiental e a não produção do que não é reciclável, além de somar nos esforços para exigir das prefeituras que os catadores sejam contratados e pagos, decentemente, pelo serviço fundamental que prestam, conforme previsão da Política Nacional dos Resíduos Sólidos.

4.2 Projeto Compartilha, parceria com a Igreja Luterana

O projeto Compartilha teve início em parceria com a Igreja Luterana em 2006 e tem como objetivo realizar momentos de reflexão trazendo cantos bíblicos e formações mais espiritualizadas.

Figura 8 - Dia de canto no projeto Compartilha

Fonte: Acervo da Renascer.

As ações do projeto acontecem até os dias atuais com encontros mensais sempre agendados previamente e com leituras dirigidas acompanhadas de música ao som de violão. Participam deste momento o Sr. Francisco e alguns seminaristas da Igreja Luterana. Anualmente, todas as cooperativas de Canoas são convidadas para um momento de culto para leituras, músicas e o "salchipão", almoço colaborativo de confraternização de fim de ano com as bênçãos para o Natal.

4.3 Fundação Luterana de Diaconia e o Projeto Mulher Catadora é Mulher que Luta

A parceria com a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) está presente na memória da Cooperativa Renascer desde 2009, porém, inicialmente com formações pontuais, participação em eventos e entregas de alguns materiais de uso comum como EPI's, uniformes e campanhas de alimentos. Em 2015, a FLD aprovou o projeto "Mulher Catadora é Mulher que Luta" com o financiamento da União Europeia e parceria com o MNCR. Este projeto teve como desafio combinar a qualificação de prestação de serviços na área da reciclagem com gestão democrática e relações de cooperação e solidariedade sustentadas na justiça de gênero. Suas ações estiveram voltadas à promoção de direitos sociais e ao fortalecimento das organizações, entre as quais a elaboração de planejamento estratégico e aquisição de equipamentos.

Figura 9 - Formação do projeto

Fonte: Acervo da Renascer.

Foram realizadas ações pontuais de formações com a participação e o protagonismo da mulher catadora apresentando suas trajetórias de vida e de luta e pelo trabalho digno e solidário. Participaram deste projeto 12 mulheres da Cooperativa Renascer.

4.4 Coleta seletiva solidária em Canoas

A participação dos catadores e catadoras na prestação de serviços em coleta seletiva foi definida pela Lei Federal nº 12.305/2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Com isso, os estados e municípios começaram a repensar sua gestão de resíduos sólidos urbanos incorporando a participação destes trabalhadores e trabalhadoras.

Na cidade de Canoas não foi diferente. Inspirados na PNRS, em janeiro de 2010, cria-se a Lei Municipal n.º 5.485,[29] que determinou que o serviço de coleta seletiva seria prestado por cooperativas ou associações populares. Em maio de 2010, depois da promulgação da Lei e da criação do Projeto "Coleta Seletiva Compartilhada" da Secretaria de Meio Ambiente, quatro cooperativas foram contratadas para assumir a coleta seletiva. O serviço prevê a coleta, o transporte e a triagem dos resíduos recicláveis. O contrato firmado com as quatro cooperativas de Canoas foi realizado por meio de Contrato Administrativo, com a dispensa de licitação, nos termos do art. 24, XXVII, da Lei n. 8.666/93.[30]

Atualmente, as cooperativas recolhem juntas cerca de 280 toneladas/mês e o recolhimento atende a

29 A Lei Municipal n.º 5.485 estabelece: [...] diretrizes municipais para a universalização do acesso ao serviço público de coleta seletiva de resíduos recicláveis de Canoas; I - priorizar ações geradoras de ocupação e renda; II - promover ações alteradoras do comportamento dos munícipes perante os resíduos que geram; III - incentivar o envolvimento dos munícipes e instituições sociais com a ação de cooperativas ou associações populares de coleta seletiva; IV - reconhecer as cooperativas ou associações populares de coleta seletiva como agentes ambientais da limpeza urbana (CANOAS, 2010).

30 "na contratação da coleta, processamento e comercialização de resíduos sólidos urbanos recicláveis ou reutilizáveis, em áreas com sistema de coleta seletiva de lixo, efetuados por associações ou cooperativas formadas exclusivamente por pessoas físicas de baixa renda reconhecidas pela poder público como catadores de materiais recicláveis, com uso de equipamentos compatíveis com as normas técnicas, ambientais e de saúde pública" (CANOAS, 1993).

aproximadamente 98,9% da população em 19 bairros de Canoas. Deste modo, o número total de cidadãos que possuem o serviço de coleta de lixo no município, atualmente, é de aproximadamente 320.461 habitantes e a geração per capita de resíduo gerado é de aproximadamente 0,86 kg/hab/dia. A Renascer coleta e tria cerca de 60 toneladas /mês de resíduos, cerca de 15% destes são encaminhados ao aterro sanitário como rejeito, ou seja, são materiais que não podem ser reciclados nem compostados (CANOAS, 2015).

Figura 10 - Esteira de triagem da Renascer

Fonte: Acervo da Renascer.

Além da coleta, transporte e triagem dos resíduos, a Renascer realiza ações de Educação Ambiental com orientações para os munícipes, entrega de panfletos informativos, palestras em eventos e espaços educativos e pelas redes sociais garantindo uma boa relação com a população e melhor qualidade nos resíduos que recebem.

4.5 Incubação e Cataforte: a parceria com a Universidade La Salle

Em 2008 a atual Universidade La Salle realizou uma maior aproximação com o grupo que depois se transformou na Cooperativa Renascer, por meio do Projeto da Rede de Parceria Social do Governo do Estado-RS, apoiado pela empresa Vonpar, administrado pelo COL (Círculo Operário Leopoldense) e em parceria com a Incubadora de Empreendimentos Solidários – Unilasalle. Um dos objetivos daquele projeto era que os grupos trabalhassem em conjunto para melhor comercialização dos materiais. Por meio do apoio de entidades, vários equipamentos foram entregues ao grupo como prensa, balança, bem como receberam capacitações em gestão administrativa, oficinas sobre tecnologias da produção e intercâmbios com outros grupos da região para trocar experiências.[31]

31 Relatório do TecnosocialUnilasalle.

Em 2009 o grupo da Renascer passou a ser incubado[32] pela Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle. Atividades que foram realizadas dentro do processo de incubação compreendem desde ajuda na organização jurídica, diagnóstico em um processo participativo, formação em cooperativismo e economia solidária, oportunidades de captação de recursos entre outras (BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2019). Durante o ano de 2010 o grupo da Associação de Reciclagem Renascer participou de debates junto a outros empreendimentos com a Prefeitura Municipal de Canoas sobre a melhora da coleta seletiva no município, resultando na sua participação no programa coleta seletiva compartilhada, quando assinou contrato com a Prefeitura para o transporte e coleta dos materiais recicláveis das residências até a associação. Com o contrato veio a necessidade de transformar a associação juridicamente em cooperativa e também a possibilidade de aumentar de 18 para 31 participantes. Sendo assim, no dia 30 de agosto de 2010 foi fundada a Cooperativa de Reciclagem Renascer, quando, dentre outros avanços os cooperados passaram a pagar o INSS (tendo direitos de trabalhadores formalizados) (BORGES; SOUZA; SCHOLZ, 2019). Deste tempo, Jéssica lembra que *"eu aprendi muitas coisas com o curso de formação que fizemos. A incubadora do La Salle que nos dava assistência nessa fase de transição entre associação e cooperativa, principalmente com as questões mais burocráticas, como o INSS, o regimento interno e o nosso estatuto"*.

Desde o início, as cooperadas da Renascer responderam positivamente ao convite para participar do Projeto, tendo em vista, também, o vínculo com a Universidade La Salle que já havia sido construído entre 2009 a 2010, com o apoio para a formalização da Associação de Catadores Renascer (BORGES; SOUZA; SCHOLZ, 2019).. Em 2013, entretanto, de acordo com o relatório para a FINEP, a Cooperativa Renascer passou para o processo de desincubação por não demonstrar interesse e engajamento nas ações propostas pela assessoria, tampouco participar de reuniões e atividades. O contato com a Universidade La Salle passou a dar-se apenas por conta das questões relativas à COOPERCAN, onde a Cooperativa Renascer era responsável pela secretaria.

Outro importante avanço foi a contribuição do Tecnosocial do Unilasalle, durante o ano de 2013, para a constituição da Central das Cooperativas de Materiais Recicláveis de Canoas (COOPERCAN) com o objetivo de fomentar o desenvolvimento das cooperativas de reciclagem e dos catadores e relação aos aspectos tecnológico, financeiro, comercial, de produção, de prestação de serviços, de recursos humanos e de gestão. A COOPERCAN é uma rede de cooperativas que foi iniciada pelas cooperativas Renascer, Cooarlas, Coopermag e Coopcamate, nasceu de uma demanda do projeto CATAFORTE[33] II, financiado pela Fundação Banco do Brasil. Cabia às cooperativas a gerência e a organização de 4 caminhões e dos roteiros de coleta seletiva, subsidiadas por um repasse municipal que garantia a manutenção dos veículos e cobria os custos da prestação dos serviços.

32 O processo de incubação de empreendimentos solidários é considerado uma tecnologia social que tem "o intuito de promover o crescimento econômico, inclusivo e sustentável, geração de trabalho digno e renda para grupos em vulnerabilidade social. A metodologia social [...] é embasada nas experiências vivenciadas com empreendimentos e outras incubadoras de Economia Solidária" (https://transforma.fbb.org.br)

33 CATAFORTE foi um programa do Governo Federal que a partir de 2009 buscou fortalecer os grupos de catadores e catadoras do Brasil. Disponível em: <http://www.ceadec.org.br/projetos/cataforte-lll-negocios-sustentaveis-em-redes-solidarias/apresentacao>.

Figura 11: Reunião da COOPERCAN no TecnosocialUnilasalle

Fonte: Acervo da Renascer.

Ainda em 2012, dentro do projeto CATAFORTE a Cooperativa Renascer recebeu um caminhão para realizar a coleta. Naquele mesmo ano, por meio da Associação Caminho das Águas receberam uma esteira, uma cozinha e a reforma de parte do galpão. Um novo galpão foi construído a partir do projeto "Coca-Cola - Doe seu lixo", iniciado em 2013 e entregue em 2014. O novo galpão foi uma conquista muito marcante para o grupo, pois tem paredes de madeira, um escritório e computadores (BORGES; SCHOLZ; SOUZA, 2019). Posteriormente, o projeto CATAFORTE III teve por objetivo fortalecer as redes de cooperação e de comercialização das cooperativas para fins de beneficiar os processos de geração de renda a partir da aproximação técnica com catadores e catadoras que ainda não se encontram organizados em cooperativas.[34]

4.6 Participação no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)

Buscando reconhecimento para além das esferas municipais e estadual, em 2013, a Renascer recebe integrantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) para formações com intuito de organizar os catadores de materiais recicláveis pelo Brasil. Busca a valorização da categoria de catador, através da garantia do protagonismo popular da classe, mantendo independência de partidos políticos, governos e empresários.

O MNCR surge no Brasil em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, sendo fundado em junho de 2001 no 1º Congresso Nacional dos Catadores/as de Materiais Recicláveis, em Brasília, evento que reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras. Na ocasião, uma carta com as intenções do coletivo foi entregue ao congresso nacional. O MNCR tem a missão de contribuir para a construção de sociedades justas e sustentáveis a partir da organização social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis e suas famílias, orientados pelos princípios que norteiam sua luta (autogestão, ação direta,

34 Relatório do TecnosocialUnilasalle.

independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo), estejam eles em lixões a céu aberto, nas ruas ou em processo de organização (MNCR, 2019).

Figura 12 - Expocatadores 2017

Fonte: Acervo da Renascer.

A aproximação entre a Renascer e MNCR se deu, principalmente, por meio do coordenador do movimento nacional, o catador Alex Cardoso:

Renascer como cooperativa: o sentido desta palavra, agarrada na prática das mulheres catadoras que reciclam a cidade de Canoas, desde a educação dos educados, a separação dos misturados, a reciclagem dos perdidos. A Renascer transcende da cidade e ganha o Brasil, ativa no Movimento Nacional das Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis. A formação das mulheres, pelas vozes das mulheres, nunca mais caladas, daquelas que enfrentam o machismo "estruturado", que desconfortavelmente batem com suas armas que já não machucam mais, porque o sentido cooperado, das mulheres se levantou para nunca mais sentar. Não só nas mãos, mas nas vozes dessas mulheres, um novo mundo está a crescer e fortalecer nesta vida de reciclar para de novo Renascer, construção deste novo mundo, justo, igualitário e reciclado - Alex Cardoso, líder do MNCR.

Alex relata com carinho e admiração a participação da Renascer no MNCR, da força das mulheres que fazem a gestão e que mantém aceso o desejo de construção de um mundo para todos e todas.

A Renascer participou de quatro Expocatadores nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2017. A Expocatadores é um importante evento, veículo de disseminação de conhecimentos, de exposição de projetos sociais, iniciativas empresariais e tecnologias que visam fortalecer a presença qualificada dos catadores de materiais recicláveis na cadeia da reciclagem. Teve início em 1999 em São Paulo/SP onde foram realizadas cinco edições. Em 2016, na sua 6º edição, foi realizada no Centro de Reciclagem de Belo Horizonte/MG e em 2017, oitava e última edição, foi realizada em Brasília/DF. O evento reúne anualmente mais de dois mil trabalhadores/as de diversas partes do Brasil e de países como Chile, Venezuela, Colômbia e França (MNCR, 2017).

Em 2018, a Renascer inicia uma parceria com o MNCR para participar de formações na Casa Marista em Porto Alegre. As formações duram até os dias de hoje e acontecem trimestralmente com o apoio da Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (ANCAT).

4.7 O Caminho das Águas

Entre 2012 e 2013 a Associação Caminho das Águas, ECOPROFETAS, coordenada pelo falecido irmão marista, Antônio Cechin, conhecido como o profeta dos catadores, captou um recurso junto a Petrobrás que beneficiou 14 cooperativas de catadores de Porto Alegre e Região Metropolitana, entre elas a Cooperativa Renascer.

O projeto realizou formações, capacitações e intercâmbios entre os/as participantes, além disso, contribuiu com as seguintes melhorias para a Renascer: a) em parceria com a Prefeitura Municipal, o projeto realizou melhorias no espaço físico construindo a cozinha para o grupo, pois já estava em construção um galpão provisório para deixarem a área do Aterro Sanitário/Lixão; b) o coletivo construiu o piso numa parte do galpão para instalar a esteira e paredes para maior proteção da chuva e ventos; c) por intermédio do acompanhamento dos/as educadores/as do projeto, a Renascer teve a oportunidade de tornar o trabalho mais eficiente e gerando melhoria na renda, para isso receberam uma esteira e uma balança digital; d) os/as educadores/as contribuíram para encaminhamento de projeto para o Desenvolvimento Regional Sustentável do Banco do Brasil buscando recursos para a construção do galpão definitivo da Renascer.

Figura 13 - Formação do projeto Caminho das Águas

Fonte: Caminho das Águas.

Essas modificações trouxeram melhorias significativas para o grupo. Tiveram como diferencial a atuação direta de dois/duas educadores/as do Projeto Ecoprofetas, experientes em cooperativismo e reciclagem. A Renascer foi acompanhada por Odete Spies e Roque Spies, fundadores da cooperativa de Dois Irmão, referência de sucesso para o Estado do RS. A partir de suas experiências, provocaram e desenvolveram ações educativas em cada um dos Coletivos a eles confiados. As vivências desses educadores/as permitiram, assim, tornar conhecido o processo realizado, dificuldades, sonhos, avanços e conquistas da Renascer.

4.8 Parceria entre IFRS/POA e FRVS

Em 2016, um recurso oriundo da Incubadora de Empreendimentos Solidários do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus de Porto Alegre (IFRS/POA), em parceria com a Apoena Socioambiental a partir de um edital da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), proporciona

três ações para os participantes do FRVS: Curso de Inclusão Digital, Dicção e Oratória para as Mulheres Catadoras e Intercâmbio entre os participantes do FRVS. Com a coordenação técnica de Kellen Cristine Pasqualeto, as ações foram realizadas de março a julho de 2016. As três ações foram elaboradas a partir de solicitações dos catadores do Fórum que puderam idealizar as formações junto à equipe técnica, o que resultou em sucesso de participação nos cursos.

A Formação de Inclusão Digital foi realizada pelas monitoras Renata Hahn e Joice Pinho Maciel com carga horária total de 48 horas. As aulas eram ministradas aos sábados, das 8h às 12h no laboratório de informática do projeto "Eu Cidadão" da Unisinos, na sua Antiga Sede. Participaram 12 catadores e catadoras de cinco cooperativas: Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos, Cooprevive, Coolabore/Roselândia, Coolabore/Centro e as catadoras Elisa e Jéssica da Cooperativa Renascer.

Figura 14 - Formação Inclusão Digital e Formatura

Fonte: FRVS.

A formação teve por objetivo apresentar às/aos participantes o uso de planilhas para gestão dos empreendimentos, elaboração de documentos de secretaria, uso de e-mail, redes sociais e demais dúvidas que eram levadas pelos/as catadores/as.

Já o "Curso de Dicção e Oratória Para as Mulheres Catadoras" foi ministrado pelas professoras Simone Sperhacke e Luciane Hoppe a partir de diversos assuntos como: saúde física e mental das mulheres, comunicação não violenta, liderança feminina, autonomia financeira tendo como plano de fundo a dicção

e a oratória. Foram realizados quatro encontros na Embelleze Canoas totalizando 12 horas de formação.

As catadoras deixaram uma singela homenagem póstuma à catadora Maria Helena que faleceu no ano seguinte à formação, em 2017. Jéssica lembra que ela *"foi uma mulher guerreira, batalhadora que deixou muitos ensinamentos para todos/as na Renascer"*.

Figura 15 - Formação Dicção e Oratória para Mulheres Catadoras, Embelleze Canoas/ RS

Fonte: FRVS.

Além das duas formações, as associações e cooperativas tiveram a oportunidade de fazer visitas de Intercâmbio de Trabalho em outras cooperativas pertencentes ao FRVS. As cooperativas participantes foram a Coopcamate (foto) que recebeu a catadora Márcia dos Santos da Cooperativa Cootre, a Cooperfeitoria (foto) que recebeu os integrantes do FRVS em um sábado pela manhã e a catadora Elisa, da Cooperativa Renascer, em um dia inteiro de trabalho. A Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos recebeu catadores/as da Colabore de Novo Hamburgo e ainda realizou um almoço de confraternização no final de todos os intercâmbios. O objetivo do intercâmbio, que é uma ação histórica que o FRVS promove, era de oportunizar aos/às interessados/as trabalhar durante um dia em uma outra cooperativa para compreender a organização do espaço quanto a coleta, triagem, venda e gestão pensando em levar novas experiências para o seu local de trabalho.

Figura 16 - Intercâmbios nas Cooperativas

Fonte: FRVS.

4.9 Retomada com a Incubadora de Empreendimentos Solidários

No ano de 2018 a Cooperativa Renascer voltou a receber o processo de incubação pela Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle, dentro do projeto intitulado "Etnometodologia na Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária no Campo da Reciclagem" com fomento do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Quando contatamos a coordenação da Cooperativa Renascer para o efetivo início do projeto de incubação, chamaram os outros cooperados e todos concordaram. A partir daí começamos a realizar as observações etnometodológicas e verificamos as necessidades do trabalho que poderíamos fazer com o grupo, onde foram solicitadas oficinas para melhorar a gestão administrativa, os relacionamentos interpessoais e estratégias para aumentar a renda dos cooperados (BORGES; SOUZA; SCHOLZ, 2019).

Figura 17 - Visita da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários Unilasalle

Fonte: Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários Unilasalle.

Neste segundo momento de incubação, o processo de desenvolvimento das atividades da assessoria da Universidade La Salle na Renascer construiu-se em 11 encontros realizados durante o ano de 2018 e 2019.

Abaixo, no Quadro 3 estão descritas as ações realizadas a cada encontro, bem como os resultados conquistados para a cooperativa através de cada uma delas.

Quadro 3 - Descrição das ações desenvolvidas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários na Cooperativa Renascer

ANO	ENC.	AÇÕES DESENVOLVIDAS	RESULTADOS
2018	1º	1)Observações etonometodológicas para verificar as necessidades de trabalho e possibilidades de intervenção; 2) Entrevistas individuais para realização de um diagnóstico situacional da cooperativa;	1) Definição de oficinas mensais como estratégia de intervenção; 2) Construção coletiva dos temas das oficinas: relacionamentos, gestão e estratégias de geração de renda;
2018	2º e 3º	1) Construção grupal de uma linha do tempo da cooperativa, para rememoração da trajetória da Renascer;	1) Crescimento do grupo, através de *insights* e de memórias coletivas, em termos pessoais e estruturais; 2) Surge a ideia deste livro como uma demanda do grupo;

2018	4º	1) Levantamento das Fraquezas e Ameaças na Cooperativa Renascer com o embasamento da Matriz FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), a partir da sensibilização com uma técnica grupal; 2) Desenvolvimento de um plano de ação;	1) Identificação dos principais problemas da cooperativa (falta de rodízio nas tarefas mais pesadas; organização dos postos de tarefas e funções; falta de comprometimento com a produção, horário e intervalos; trabalho na esteira muito lento; muita ladaia (fofocas) e falta de conhecimento de materiais na triagem); 2) Construção coletiva de possíveis soluções para os problemas elencados;
2018	5º	1) Trabalho sobre aspectos pessoais e inter-relações com o cotidiano coletivo;	1) Como as catadoras estavam muito dispersas, desanimadas e caladas, então respeitamos o momento do grupo;
2018	6º	1) Continuidade do levantamento das Fraquezas e Ameaças na Cooperativa Renascer; 2) Verificação dos objetivos já alcançados através das práticas pensadas no plano de ação;	1) Levantamento das forças e oportunidades. Forças: valorização, o empoderamento, a liberdade, a autogestão, a renda quinzenal, as amizades, a memória da cooperativa, a baixa competitividade e o apoio. Oportunidades: cursos, projetos, oficinas, contratos e inserção em espaços que potencializam a voz dos catadores e das catadoras; 2) Identificação de avanços, como o rodízio de tarefas, a contratação de um prenseiro, e a diminuição das ladaias;
2018	7º	1) Tentativa[35] de construção da missão, visão e valores na cooperativa;	1) Evolução do diálogo do grupo e percepção de maturidade da Renascer rumo à consolidação das ações;
2018	8º	1) Análise pormenorizada do regimento interno juntamente com o grupo a partir de uma técnica grupal; 2) Novo logotipo da cooperativa;	1) Fixação de um cartaz com o Regimento Interno para leitura e sugestão dos pontos a melhorar; 2) Escolha do novo logotipo da Renascer, criado voluntariamente por Égon Ferreira (atual funcionário da Universidade La Salle e antigo participante da incubadora);
2018	9º	1) Revisão do Regimento Interno e das contribuições dos cooperados;	1) A partir da construção coletiva, foram acrescentados no Regimento Interno novos pontos considerados importantes, bem como foram excluídos os artigos em desuso;
2019	10º	1) Elaboração de um Plano de Ações de Médio e Longo Prazo da cooperativa;	1) Menção de problemas na infraestrutura do galpão, na infraestrutura da cooperativa e nas relações. Para cada um desses problemas foi indicado pelo grupo ideias de como fazer para solucionar, quando fazer e os responsáveis;
2019	11º	1) Realização de um levantamento avaliativo do projeto;	1) Identificação dos avanços da cooperativa e consolidação das ações;

Fonte: Elaborado a partir de Borges, Souza, Scholz (2019).

35 Houve apenas uma tentativa de construir a missão, visão e valores da Renascer, pois esta era uma atribuição de outro projeto que ocorria em paralelo, mas a coordenação nos pediu para ajudar, sendo que ao final devolvemos a demanda para o projeto originário.

Na avaliação final, o grupo expôs avanços que a proposta de incubação (2018-2019) trouxe para a Cooperativa Renascer como o estabelecimento e seguimento de metas, aumento de renda, aprendizado em diferentes perspectivas como em termos de organização da produção, maior respeito aos horários, revisão coletiva do regimento interno, conseguir colocar melhor as ideias individuais no grupo e finalmente diminuição das reuniões por "ladaias".

4.10 A voz das Catadoras

Em 2018 todas as mulheres catadoras que pertenciam às cooperativas e associações do FRVS foram convidadas a participarem do Projeto A Voz das Catadoras <https://www.facebook.com/pg/avozdascatadoras>. O projeto foi elaborado e realizado pela Apoena Socioambiental em parceria com a Embaixada da Suíça, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Campus Porto Alegre (IFRS/POA) e Incubadora da Universidade La Salle. A formação foi composta por 12 encontros presenciais quinzenais, um evento chamado o Dia da Catadora, formatura de encerramento e uma formação *in loco,* voltada para organização individual financeira para as interessadas. Esta última formação foi realizada em cada cooperativa ou associação participante, mediante interesse e agendamento.

O projeto ocorreu de maio de 2018 a março de 2019. Contou com um curso composto por seis módulos que foram elaborados em conjunto com as catadoras a partir de temas que as interessavam: cooperativismo, economia solidária, gestão financeira pessoa, alimentação saudável, violência doméstica, saúde da mulher e autoestima. Cada um dos encontros tinha uma primeira etapa com formação teórica e um segundo momento de vivência e dinâmicas voltadas para oralidade com participação individual ou em grupos.

Além do curso realizado com encontros quinzenais na Universidade La Salle, as mulheres tiveram o "Dia da Catadora", que se constituiu num dia de embelezamento e sessão de fotos no Parque da Redenção em Porto Alegre e teve o apoio da Livraria e Editora Cirkula e do Instituto Mix de Embelezamento. Muitas das mulheres não conheciam o parque e nem a Orla do Guaíba, onde puderam passear no final do dia. Esta atividade foi escolhida por elas e teve como objeto elevar a autoestima das participantes. A ação resultou em uma reportagem e matéria realizada pela RBS TV no Programa Compartilhe RS <https://globoplay.globo.com/v/7165802/>.

Figura 18 - Encontros da Voz das Catadoras e o Dia da Mulher Catadora.

Fonte: Apoena Socioambiental.

A formatura foi realizada em dezembro de 2018, na secretaria de Educação de São Leopoldo. Contou com a entrega dos certificados e de uma apresentação teatral. Muitas das mulheres nunca tinham assistido uma peça de teatro, e elas também se organizaram por cooperativas para fazerem apresentações para o grupo. Participaram da formação 13 mulheres da Renascer, ou seja, todas as mulheres que estavam trabalhando na cooperativa.

Por fim, de janeiro a março de 2019 foi realizada uma formação de finanças pessoais em cada uma das cooperativas participantes. Na Renascer participaram as associadas Jéssica, Márcia, Sonia, Karen, Débora, Luiz Fernando e Michele.

CAPÍTULO 5 - PRECONCEITO E ESTIGMA NA RECICLAGEM

O objetivo deste capítulo é o de discorrer sobre as falas e as memórias dos/as cooperados/as[36] entrevistados/as[37] da Renascer, que revelam uma das faces da dura realidade social do trabalho com a reciclagem de resíduos sólidos, ainda que inserido no âmbito de uma cooperativa. Em suas narrativas, foram evidenciados os preconceitos sociais e um forte estigma que acompanha os trabalhadores que se dedicam às atividades com a reciclagem. Esses aspectos surgem relacionados ao uso de termos pejorativos para descrevê-los/as, à percepção da associação da sua imagem a algo sujo e, também, à desqualificação das atividades desempenhadas e do menosprezo da importância da sua profissão.

O cotidiano e a realidade das pessoas que trabalham em cooperativas de reciclagem são atravessados por muitas batalhas pessoais e pela constante necessidade de afirmação da importância desse trabalho, que não tende a ser socialmente validado. A mais importante e difícil delas parece ser a de lidar com o preconceito e com o estigma social associado a essas atividades, como refere Camila: *"Algumas [pessoas] ainda têm preconceito ainda por eu trabalhar... Trabalhar aqui. Umas dizem que eu deveria achar serviço melhor, que não deveria estar aqui"*.

Historicamente, o estigma era tido como uma marca no corpo dos criminosos e das pessoas que não eram dignas de honra e de todos aqueles que, por motivo qualquer, eram vistos como uma ameaça ao convívio social. A sociedade tende a criar diversos meios para categorizar as pessoas e suas características comuns e naturais, significado que hoje permeia o termo estigma (GOFFMAN, 1988). Quando um estranho nos é apresentado, ou quando nos deparamos com uma realidade que difere muito da nossa, segundo o autor, já possuímos expectativas e exigências rigorosas pré-concebidas de como aquelas pessoas são e se comportam. Essa atitude nos leva a fomentar uma visão preconceituosa e que, tendo em vista que na maioria das vezes não condiz com a realidade, causa sofrimento (GOFFMAN, 1988).

O estigma social emerge com bastante ênfase nas narrativas dos/as cooperados/as, principalmente, quando são pensados os padrões sociais sobre as diversas atividades laborais existentes, como a reciclagem de resíduos sólidos, que refletem uma gama de expectativas a respeito de profissões que são ou não consideradas dignas e validadas socialmente. O que seriam, entretanto, profissões dignas? Essa denominação parece refletir da falta de conhecimento e da falta de um olhar crítico sobre a sociedade em si, que coloca o trabalho com a reciclagem como sem importância ou como última opção, que não condiz com a percepção dos/as cooperados/as sobre as suas atividades, que são percebidas com importância e desempenhadas com prazer.

Como expõem os/as entrevistados/as, o trabalho com reciclagem é de importância fundamental, não só para a sociedade, mas para o meio ambiente como um todo, embora seus efeitos e práticas não sejam reconhecidos como tal. Sem esse trabalho, a realidade seria muito diferente, em termos de poluição, de descarte incorreto e do mau reaproveitamento dos resíduos sólidos. A sociedade brasileira reproduz até hoje essa classe como abandonada e excluída (SCHWENGBER, 2019), que luta contra um sistema econômico competitivo e desleal, onde o que não se encaixa nos padrões de beleza imposto pela população

36 Para este capítulo utilizaremos uma linguagem inclusiva ao nos referirmos aos catadores e as catadoras, utilizando a expressão catadores/as.

37 Foram utilizadas oito entrevistas realizadas para o projeto da Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle (2017-2019).

mais afortunada. Apesar de carregarem o estigma de "catadores de lixo", o trabalho dessas pessoas tem um grande potencial de conscientização e de fomento de uma visão sustentável de meio-ambiente (SOUZA; PEREIRA; CALBINO, 2019).

O estigma social aqui apontado, surge, de forma pré-concebida, nos olhares das pessoas que se deparam com os/as catadores/as, segundo a percepção deles/as, e dos comentários que são feitos relacionados a essa profissão e aos espaços em que ela é desenvolvida. A profissão de catador/a já traz consigo certa luta por ser fruto de árduos processos de exclusão social, em que o catador ressignifica as sobras de uma sociedade cada vez mais capitalista e desenfreada no consumismo. As evidências denotam que Júlia, por sua vez, relata que as pessoas não entendem o conceito e a importância de uma cooperativa de reciclagem, mas afirma não se importar muito com a opinião alheia, apontando como principal motivo o fato de essa atividade lhe trazer o retorno financeiro que precisa para viver: *"Pensam que eu trabalho no lixo. É isso que elas pensam. Algumas já me falaram: 'Ai, tu trabalha no lixão'. Isso daqui não é lixão. É uma cooperativa de reciclagem. Tá certo que é o lixo, mas é o lixo que traz o dinheiro pra gente"*.

Em contraponto, Luiz relata o aprendizado de ter conseguido lidar melhor com essas falas agressivas e pontua o preconceito com a sua profissão como algo que lhe fazia muito mal, já que muitas vezes ele provém de sua própria família, como relata: *"É como eu disse para os meus parentes, que não são eles quem pagam minhas contas [...]. Querem ter preconceito? Me chamarem de tal coisa? Já foi o tempo que eu esquentava a cabeça com 'olha o lixeiro ali…'"* Semelhantes às vivências de Luiz, tem-se as situações experienciadas por Michele: *[...] minha mãe falava o tempo todo pra mim e minha irmã, que era pra mim fazer concurso público, porque que eu não fazia alguma coisa pra ser enfermeira, coisas que não tem nada a ver comigo que eu nunca quis, mas ela queria que eu fizesse, porque que eu não fazia um curso de enfermagem? Porque que eu não fazia um concurso público? Que era um trabalho garantido, o que que eu queria trabalhando aqui, que eu tava não sei quantos anos, tava anos sem carteira assinada, que eu não ganhava décimo, que eu tinha anos que eu não pegava o PIS. Era isso aí que eu escutava da minha mãe o tempo todo e as outras pessoas, é isso: "o que que tu quer trabalhando no meio do lixo?*

O preconceito social em relação à reciclagem é pontuado por Joseane quando afirma que a maior parte das pessoas diz que ela trabalha no lixo, sendo incapaz de reconhecer sua atividade como a de reciclagem. A catadora pontua fortemente o preconceito e os efeitos que sente dessas ações, também, quando relata uma situação que aconteceu na escola de seu filho, associada à sua prática profissional e à visão social preconceituosa associada a ela: *"Ele sofreu muito bullying na escola por causa disso. Mas os outros já não, o meu pequeno também, esses dias, ano passado levou salgado pra festa, mas eu comprei numa padaria e ele foi num prato de papelão e a professora teve a cara de pau de dizer pra ele que aquilo era vindo do lixo, aquele prato que ele levou, que não ia comer aquele salgado. Só porque de repente ela acha que eu trabalho numa reciclagem que tinha levado daqui? Aí fui na escola e falei pra ela que comprei na padaria, que eles não iam me dá um pote de plástico na padaria pra trazer e ela disse que não falou pra ele e ele disse que 'tu falou sim professora que a minha mãe tinha trazido do lixo isso'. Daí eu falei pra ela eu trabalho numa reciclagem faz 10 anos e sustentei tudo meus filhos lá e tô sustentando esse daqui também e não tenho vergonha, tenho orgulho do trabalho que eu faço. Daí ela ficou quieta, não falou nada."*

Fica claro nas falas aqui apresentadas, que há uma invisibilidade em relação aos catadores e catadoras, a qual está associada ao estigma que acompanha a sua trajetória de trabalho. Os primeiros catadores do Brasil, aqueles que eram responsáveis pela limpeza urbana, pelo recolhimento e descarte dos excrementos (fezes e urina), eram os escravos mais rebeldes e velhos, os chamados tigres. Carregar em um barril de madeiras

os dejetos de seu dono, era uma maneira de castigá-los e de humilhá-los. A memória da invisibilidade dos catadores e catadoras percorre esta linha do tempo até os dias atuais (SCHWENGBER, 2019). O trabalho dos catadores e catadoras é marcado pela desvalorização do ganho econômico, os quais recebem menos de um terço da venda dos resíduos sólidos recicláveis, porém, realizam mais de 90% da reciclagem no Brasil. A invisibilidade e o estigma vividos por estes trabalhadores e trabalhadoras apesar de não lhes garantir bens materiais e retorno financeiro, lhes oferece dignidade e reconhecimento pela sua contribuição ambiental e pela capacidade de incluir pessoas que se encontram à margem da sociedade, vítimas do preconceito e da falta de oportunidades (EIGENHEER, 2009; IPEA, 2013; SCHWENGBER, 2019).

Outro ponto importante para pensarmos o preconceito e o estigma na reciclagem, bem como os desafios para o futuro, diz respeito à pandemia de COVID-19. O novo coronavírus foi identificado pela primeira vez na China, na cidade de Wuhan, no final do ano de 2019. Rapidamente, a COVID-19, doença provocada por este vírus, se disseminou pelo mundo e foi declarado, um contexto de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020).

Em 2020, já identificada no Brasil, a pandemia de COVID-19 mudou a rotina das pessoas a partir de março e trouxe importantes reflexões, também, a respeito do campo da reciclagem, como pontua Michele: *"Uma coisa bem marcante.... Um desafio pra nós esse ano porque também não aconteceu muita coisa, porque teve a pandemia"*. O preconceito, já identificado antes das mudanças provocadas pelo novo coronavírus, tornou-se ainda mais presente, principalmente pelo medo de que os/as catadores/as estivessem em contato com materiais contaminados pelo vírus e se tornassem transmissores à população.

O contato com materiais contaminados pode disseminar uma gama de doenças. A pandemia de COVID-19 não é, portanto, a única situação que nos alerta para as condições de trabalho dos/as recicladores/as, mas pode servir como ponto de partida para fomentar esta discussão, já que a partir dela se pode direcionar um olhar mais atento para essas pessoas.

Hoje, as autoridades alertam para o fato de que o coronavírus pode facilmente se dissipar em galpões de reciclagem, devido a grande quantidade de material e do constante manuseio dos mesmos e, ainda, apontam para a importância do descarte adequado dos resíduos, que devem estar limpos e desinfetados, além das medidas de cuidado como lavar as mãos e utilizar máscaras (ZAMBRANO-MONSERRATE; RUANO; SANCHEZ-ALCALDE, 2020). Ainda destacam-se os cuidados com as pessoas que trabalham diretamente com a coleta dos resíduos recicláveis e que, por estarem sempre em ambiente externos, podem se contaminar mais facilmente, assim como nos diz Michele: *"Agora tem que trabalhar com máscara. A gente nunca tinha trabalhado com máscara. Tem que tá trabalhando com máscara, tem que tá se cuidando, lembrando de passar álcool em gel, principalmente os guris no caminhão, que não tem acesso a água assim que nem nós pra ta lavando as mãos"*.

Em decorrência da pandemia, a Cooperativa Renascer, assim como as demais cooperativas de reciclagem do município, tiveram que ficar por cerca de vinte dias com as atividades suspensas. Apesar disso, o salário dos/as cooperados/as, inclusive daqueles que estão afastados até hoje por pertencerem ao grupo de risco, pôde ser assegurado através do contrato com a Prefeitura de Canoas: *"A gente ficou vinte e poucos dias parado do dia 23 de março até o dia 12, 13 de abril. [...] a gente conseguiu manter o salário de todo mundo, a Prefeitura garantiu isso em contrato, né? Mesmo a gente ficando esse tempo sem produzir todo mundo recebeu direitinho ali no mês. A gente tá com dois cooperados em casa, desde o dia 23 de março, que é a Dona Sônia que tem 65 anos, e o motorista, Seu Jairo, que tem 60, aí eles estão parados em casa e tão recebendo das cooperativas normal" (Michele).*

Figura 19 - Catadores e catadoras usam máscara no trabalho

Fonte: Acervo da Renascer.

Com o crescente medo da contaminação pelo coronavírus, agora os/as trabalhadores/as do campo da reciclagem sofrem, também, com o preconceito e com o estigma social de serem portadores da doença, tendo em vista que essa população pode estar lidando diretamente com material contaminado que foi descartado pela população. No cotidiano da cooperativa, através das narrativas dos/as cooperados/as, entretanto, fica evidenciado um forte sentimento de coletividade para lidar, não somente com as situações de preconceito, mas com as mudanças decorrentes da pandemia, com as medidas de cuidado e com os impactos que essas mudanças podem causar nas suas rotinas.

As mudanças no panorama global têm ocasionado alterações estruturais significativas no contexto nacional (SINGER, 2001). Em meio ao caos ocasionado pela pandemia, a desigualdade social fica cada vez mais evidente ao pensarmos em como algumas pessoas são privilegiadas, ao terem a disponibilidade de trabalho via *home office* e outras, como os catadores, não tem essa opção. Ainda que gostem das atividades que desempenham, correm riscos na realidade que se impõe.

A pandemia do novo coronavírus traz para as cooperativas de reciclagem, mais uma vez, a necessidade de se reinventar e de encontrar recursos para sobreviver em meio a uma difícil realidade. Essa situação as coloca em contato com outros tipos de preconceitos e estigmas, que tornam o trabalho do/a catador/a ainda mais desafiador, aliado ao medo da contaminação pela doença, através do contato com os resíduos descartados pela população.

Rotineiramente, também, os/as catadores/as precisam lidar com o fato de que é associado a eles o cunho pejorativo das palavras "lixo" e "lixeiro/a", além da desqualificação de suas atividades. As entrevistas evidenciam, entretanto, a capacidade de construção de outros sentidos para o trabalho que realizam, "de maneira que a atividade de reciclagem ganha outra conotação, subjetiva e singular, de independência, superação, resistência e possibilidade de melhoria na qualidade de vida" (COELHO et al., 2016, p. 7-8).

É importante ressaltar que, neste cenário, a reciclagem assume um importante papel de garantia das possibilidades de continuidade da vida, deixando de ser apenas a matéria-prima que é revertida em dinheiro (SOUZA; PEREIRA; CALBINO, 2019). Nas falas de todos os/as entrevistados/as foi pontuada a visão resiliente frente ao preconceito e ao estigma, bem como o orgulho em desenvolver as atividades na cooperativa, apesar de todos os desafios que os processos de autogestão podem acarretar.

CAPÍTULO 6 - CARTAS ABERTAS

Neste capítulo, será compartilhado duas cartas abertas escritas pelas autoras, uma escrita pela catadora Michele, e a outra, pelas demais autoras.

6.1 Carta aberta de uma catadora

Há nove anos eu nem sabia o que era uma cooperativa de reciclagem. Cai de paraquedas na Renascer. Quando comecei a entender como que era uma cooperativa, o que era trabalhar com a Economia Solidária, me apaixonei pela forma de trabalhar. O serviço passou a ser uma forma de vida e uma nova maneira de pensar para mim.

Para quem trabalha ou for trabalhar na Renascer eu aconselho a aproveitar o que ela tem a oferecer. Participe das formações, seminários, eventos, encontros, cursos. Se envolva, tenha interesse pelas coisas da cooperativa. Entenda, como eu entendi, que ser cooperado é ser dono do próprio negócio. É ter direitos e também deveres com o grupo.

Eu entrei um tipo de pessoa na Renascer e hoje sou uma pessoa muito melhor. Através de cursos e formações que participei fui aprendendo a me colocar, a falar, a ouvir, a expor minha opinião. Aprendi a olhar o outro e me colocar no lugar dele. Aprendi que a capacidade das pessoas está além do grau de escolaridade que ela possui.

Trabalhando lá eu me sinto livre. Me sinto parte do grupo. Nunca pensei que ficaria tanto tempo por ali. Tive a oportunidade de conhecer várias cooperativas de reciclagem, mais em nenhuma eu vi a essência que vejo na Renascer. Mesmo com grupo sempre mudando de pessoas, a Renascer sempre será a Renascer. Enquanto o grupo entender o que é cooperativismo e Economia Solidária essa será a essência da Renascer. Mesmo que literalmente muitos não saibam o que isso significa, na prática eles tiram de letra.

As pessoas são o maior motivo que hoje me faz ficar na cooperativa e ao mesmo tempo são o que me faz querer sair. Trabalhar no sistema de cooperativismo e Economia Solidária não é nada fácil. Fazer as pessoas entenderem isso, é pior ainda. Isso é uma das coisas que às vezes me frustra como cooperada. Me frustra ver que nem todos conseguem pensar ou sentir o que eu sinto em relação a essa maneira de trabalhar. Nesses anos, eu pude ver o crescimento e conquista que a nossa categoria de catadores alcançou através dos movimentos sociais. Ainda assim, falta muito para os catadores serem reconhecidos como de fato merecem, como atores principais na preservação do meio ambiente. Ajudamos a manter a cidade limpa e não ganhamos nada por isso. Ganhamos da triagem e venda daquilo que coletamos. Não temos o devido respeito que deveríamos ter por parte da sociedade que discrimina os catadores. Eu tento de alguma forma mudar, um pouco que seja essa visão.

Até hoje escuto de algumas pessoas que estou perdendo tempo trabalhando na cooperativa, e eu respondo: "o que eu aprendi e o que eu vivi nesse lugar, dinheiro ou status nenhum é capaz de substituir". Uma vez escrevi em uma rede social que foi no "lixo", trabalhando com o "lixo", onde me senti mais valorizada. Valorizada na cooperativa e por aquelas pessoas que também acreditam no cooperativismo e na Economia Solidária.

Valorize quem preserva a natureza. Não olhe o catador como um coitado. Não pense que separar o lixo reciclável e destinar a um catador é um favor que você está fazendo a ele. Separe seu resíduo corretamente.

Tenha cuidado com os vidros e materiais cortantes. Quando você tem empatia pelo nosso trabalho, você está nos valorizando, nos respeitando.

Não venha trabalhar na cooperativa achando que ali é o último lugar a ir. Não trabalhe porque não achou nada melhor. Não pense que trabalhar na Renascer ou em qualquer outra cooperativa é um carma que você precisa carregar ou castigo que precisa pagar. Todos nós temos uma opção. Nosso trabalho é muito digno e merece ser reconhecido e valorizado por nós mesmos, pela sociedade e pelo poder público.

Atenciosamente,

Michele Ferreira dos Santos

Catadora - Cooperativa Renascer

6.2 Carta aberta das autoras do livro

Quando pensamos na escrita desse livro, nosso objetivo foi o de registrar e dar voz às memórias das catadoras da Renascer, bem como à história da própria cooperativa. Desde o início, construímos cada parte do texto com o intuito de aproximá-lo de todos, evidenciando a importância do acesso à ciência e à tecnologia, independentemente da forma de escrita ou do grau de instrução dos leitores. Queríamos desconstruir barreiras e potencializar reflexões acerca do campo da reciclagem.

No nosso trabalho junto à Cooperativa Renascer, nos deparamos não somente com o cotidiano de trabalho de uma cooperativa de reciclagem, mas de um local que abriga histórias de vida, subjetividades e diferentes formas de lidar com as situações adversas em busca de melhores condições de vida. Conhecemos a superação diária das cooperadas de provar e importância social de seu trabalho e de lidar com diferentes formas de opressão.

Assim como muitas outras cooperativas, a Renascer possui uma identidade forte, construída por muitas mãos e corações, e uma marca própria que traduz essa identidade nos relacionamentos que ali se estabelecem. No decorrer desse tempo em que construímos o trabalho de forma mais próxima ao cotidiano das cooperadas, nos pareceu que a marca da Renascer é a de ser acolhedora.

Quanto às práticas coletivas, nas atividades das quais participa ou já participou, observamos que a cooperativa se caracteriza por buscar e fomentar oportunidades para todas as cooperadas. Através dos registros das ações realizadas, fica claro o desejo e o interesse das catadoras em buscar capacitações, formações e projetos e de dar oportunidade a todos os/as cooperados/as de participarem.

Outro ponto importante da história e das memórias da/sobre a Renascer, evidenciadas pelas cooperadas que contribuíram para compor as páginas desse livro, são as dinâmicas de poder, principalmente colocadas nas diferenças de concepção entre homens e mulheres. Nos seus relatos, aparece uma dinâmica importante, para as mulheres da Renascer o poder vira verbo de ação coletiva e motiva grandes mudanças.

Elas querem e podem. Para as catadoras, seus anseios e vontades de poder se relacionam diretamente com o que desejam fazer em busca de uma mudança e de melhorias na sua qualidade de vida. Entre

elas, pelo que compartilharam conosco, não se observa o poder de forma em que uma busca ser melhor que a outra. Juntas, podem mais: podem mudar as coisas, podem fazer diferente, podem construir novas perspectivas de futuro.

Para elas e para nós, autoras e mulheres, o poder refere-se à capacidade de conseguir se superar, de conseguir se posicionar em uma reunião, de falar, de ser escutada, de ser respeitada, de ter sua vida preservada. Esse poder reflete na luta de cada uma de nós, por nós mesmas e pelas outras. Desejamos ter e desejamos que tenham o direito e prazer na vida, de fazer o que querem, de serem quem são, de terem uma vida com dignidade, coragem e orgulho. Sem dúvidas, juntas podemos mais e a Renascer nos ensina isso, na prática, no dia a dia de sua luta!

Assinam, as autoras.

Figura 20 - Encontro do Projeto "A voz das catadoras"

Fonte: Site da Universidade La Salle[38]

Finalizamos o presente livro, agradecidas a todas e todos que, de uma maneira ou de outra, se dispuseram a conversar e compartilhar seus saberes, conhecimentos, sentimentos e afetos e assim ajudar a criar algumas memórias na Cooperativa Renascer.

38 Disponível em: https://www.flickr.com/photos/universidadelasalle/albums/72157700677871192.

MINI CURRÍCULO DAS AUTORAS

Maria de Lourdes Borges - Psicóloga, mestra e doutora em Administração (UNISINOS). Professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Coordenadora do TECNOSOCIAL e da Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle. Coordenadora do projeto Etnometodologia na Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária no Campo da Reciclagem, com fomento externo do CNPq. Coordenadora do Projeto Memórias da incubação: práticas desenvolvidas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários, Universidade La Salle com fomento da Fpaergs. Líder do Grupo de Pesquisa Tecnologia Social, Inovação e Desenvolvimento (GP Tessido)/CNPq.

Link do CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/6648365044430661

Daiana Schwengber - Doutora em Memória Social e Bens Culturais, Mestre em Saúde e Desenvolvimento Humano, Psicopedadoga Clínica e Institucional e Graduada em Ciências Biológicas todos pela Universidade La Salle Canoas. Consultora com experiência em gestão de resíduos, educação ambiental e trabalho nas cooperativas de reciclagem do Vale dos Sinos e RMPOA. Pesquisadora do INESC P&D Brasil. Embaixadora e consultora Lixo Zero.

Link do CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/7127175091713322

Kellen Cristine Pasqualeto - Mestra em Ciências Sociais pela Unisinos, Especialista em Gestão Pública pela Faculdade Projeção/Brasília, Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Consultora com experiência em gestão de resíduos, educação ambiental e trabalho nas cooperativas de reciclagem em Porto Alegre e região do Vale dos Sinos. Pesquisadora do INESC P&D Brasil.

Link do CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/1572341631756034

Fabiana Bof Bassan - Graduanda no curso de Psicologia da Universidade La Salle. Atuou no projeto Etnometodologia na Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária no Campo da Reciclagem, com fomento externo do CNPq. Atua como bolsista de iniciação científica na Incubadora de Empreendimentos Solidários Unilasalle. Participa do Grupo de Pesquisa Tecnologia Social, Inovação e Desenvolvimento (GP Tessido).

Link do CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/3741154290078254

Michele Ferreira dos Santos - Catadora e responsável financeira da Cooperativa Renascer de Canoas/RS, Graduanda de Secretariado Executivo Trilíngue na ULBRA. Participou de vários cursos de extensão e viagens como representante da Cooperativa Renascer.

Juliana Corrêa Pacheco - Psicóloga formada pela Universidade La Salle. Atuou como bolsista de iniciação científica com fomento externo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (PROBIC/Fapergs) de 2016 a 2020. Atualmente, participa do Grupo de Pesquisa Tecnologia Social, Inovação e Desenvolvimento (GP Tessido).

Link do CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/9050331744875264

Simone Rosa de Moura - Psicóloga formada pela Universidade La Salle. Atuou como bolsista de iniciação científica com fomento externo no projeto Etnometodologia na Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária no Campo da Reciclagem, com fomento externo do CNPq. Participa do Grupo de Pesquisa Tecnologia Social, Inovação e Desenvolvimento (GP Tessido).

Link do CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/9349911830137479

REFERÊNCIAS

BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H.; CARGNIN, T. M. Estratégia-como-prática na economia solidária: resultados e ações de catadores de uma cooperativa**. Desenvolvimento em Questão**, v. Ano 13, p. 108-142, 2015.

BORGES, M. L.; SOUZA, R.; SCHOLZ, R. H. **Memórias e etnometodologia na incubação de empreendimentos solidários**. Canoas: Editora LaSalle, 2019. 88 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional de Resíduos Sólidos.** Lei Nº 12.305 de 02 de agosto de 2010. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010.

CANOAS. **Prefeitura Municipal de Canoas**. 2020. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COELHO, A. P. F.; Et al. Mulher-guerreira, Mulher-homem: reconhecimento do trabalho e seus sentidos na percepção de mulheres recicladoras. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, e2350014, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000200324&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jun. 2020.

EIGENHEER, E. M. **A limpeza urbana através dos tempos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FLICK, U. **The sage handbook of Qualitative Data Collection**. Londres: Sage Publications Ltd, 2018.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. São Paulo: LTC Editora, 1988.

GUTERRES, T. Os caminhos por dentro do labirinto chamado Guajuviras. **Diário de Canoas**. 12 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.diariodecanoas.com.br/2014/05/noticias/regiao/42949-os-caminhos-por-dentro-do-labirinto-chamado-guajuviras.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

IPEA. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável – Brasil**. Relatório de Pesquisa. Brasília: Ipea, 2013.

LESSA, S. História e Ontologia: a questão do trabalho. Revista Crítica Marxista. Rio de Janeiro: **Revan**, v. 20, p. 70-89, 2005. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo112artigo3.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MNCR. **Sua história**. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/sua-historia>. Acesso em: 29 nov. 2019.

PASQUALETO, K. C. Protagonismo político e consciência de classe: o caso dos recicladores de materiais recicláveis do Vale do Rio dos Sinos. **Dissertação de Mestrado** PPG Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/7043/Kellen%20Cristine%20Pasqualeto_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. **Produto 2B:** diagnóstico da coleta seletivA Sub Produto 2B.1: Organização, Quantificação, Qualificação e Manejo. 2015. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/ANEXO _05_DIAGN%C3%93STICO-DA-COLETA-SELETIVA-organiza%C3%A7%C3%A3o-quantifica%C3%A7%C3%A3o-e-manejo.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SCHWENGBER, D.; BRAUN, A. C.; BORGES, M. de L. Valores na economia solidária: uma revisão sistemática da produção brasileira. In: BORGES, M. de L.; SCHOLZ, R. H. (Orgs.). **Práticas Sociais na Economia Solidária**: tecendo experiências e pesquisas sobre incubação. Canoas: Unilasalle, 2015. p. 141-162.

SCHWENGBER, D. Memórias da (in)visibilidade: catadores do Brasil e biffins da França. 2019. 235 f. **Tese** (Doutorado em Memória Social e Bens Culturais) - Universidade La Salle, Canoas, 2019.

SINGER, P. **Globalização, precarização do trabalho e a exclusão social**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 51-64. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/intes/img/biblioteca/96b3B2w66Z.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2020.

SOUSA, R. R.; PEREIRA, R. D.; CALBINO, D. MEMÓRIAS DO LIXO: LUTA E RESISTÊNCIA NAS TRAJETÓRIAS DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA ASMARE1. **REAd. Rev. eletrôn. adm.** Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 223-246, Dec. 2019.

WHO. Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19). World Health Organization, fev. 2020, p. 1-40.

ZAMBRANO-MONSERRATE, M. A.; RUANO, M. A.; SANCHEZ-ALCALDE, L. Indirect effect sof COVID-19 on the environment. **Science of the Total Environment**, v. 728, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0048969720323305>. Acesso em: 07 jun. 2020.

O livro entre *Ladaias e Autogestão* é um sonho das integrantes da Cooperativa Renascer de Canoas/RS.

Tudo começou em uma oficina do projeto Memórias da Incubadora Unilasalle, quando as cooperadas presentes foram perguntadas sobre as memórias da trajetória da Renascer.

Ao relembrar sua história, surgiu a antiga ideia de que esta trajetória se transformasse em um livro.

Depois de muito trabalho, chegou-se a este livro que conta sobre desafios, percalços, dificuldades e muita superação deste grupo.

Esta leitura mostra o quanto as catadoras da Cooperativa Renascer inspiram sobre aprendizagem e respeito ao próximo, mesmo entre 'ladaias' diárias.

As autoras.

Editora Unilasalle

Av. Victor Barreto, 2288 | Canoas, RS | 92.010-000

http://editora.unilasalle.edu.br

http://livrariavirtual.unilasalle.edu.br

editora@unilasalle.edu.br

MEMÓRIAS DA COOPERATIVA RENASCER: ENTRE LADAIAS E AUTOGESTÃO

ISBN 978-655441023-6

MARIA DE LOURDES BORGES
DAIANA SCHWENGBER
KELLEN CRISTINE PASQUALETO
MICHELE FERREIRA DOS SANTOS
FABIANA BOF BASSAN
JULIANA CORRÊA PACHECO
SIMONE ROSA DE MOURA

Editora Unilasalle